

especial
educanvisa

VISA E

Almanaque da Vigilância Sanitária

Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa
Ano II - Nº2 - 2009

educação e saúde
a dose certa para uma vida saudável





As ações da Vigilância Sanitária vão muito além do tradicional controle de higiene em bares e restaurantes. Apesar de estar tão presente em nosso dia-a-dia, mal nos damos conta de que ela existe e que é tão importante para a nossa saúde.

Para proteger e promover a saúde da população brasileira, no mais amplo sentido, foi criada, há uma década, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

É a Anvisa que concede registros, certificados e licenças para fabricantes de produtos e prestadores de serviços relacionados direta ou indiretamente com a saúde. A Agência



estabelece ainda as normas e padrões sanitários que devem ser adotados em relação a esses produtos e serviços em todo o país.

Quando escovamos os dentes, tomamos banho ou ingerimos alimentos e medicamentos, podemos não saber ou lembrar, mas os produtos que utilizamos foram inspecionados pela Anvisa e pelas Vigilâncias estaduais e municipais.

A Anvisa está presente também nos portos, aeroportos e fronteiras, ao evitar a entrada de produtos e insumos que ofereçam risco à saúde além de prevenir e controlar as doenças dos viajantes.



ANVISA
Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Ministério
da Saúde



carta ao leitor

Apresentamos o Almanaque Visa É nº 2, cujo eixo temático é a educação nas suas mais variadas abordagens: a educação em saúde, direcionada para as questões da vigilância sanitária; a educação popular; e a educação transformadora, que promove a autonomia e a emancipação do sujeito, como protagonista de sua própria história.

Nossos leitores terão a oportunidade de uma aproximação com o pensamento de Carlos Rodrigues Brandão, educador e antropólogo, dedicado ao ambientalismo, que fala sobre a sua experiência como educador popular. Para ele, a cultura popular tende a se tornar um projeto de realização coletiva de um trabalho educativo de ação libertadora.

O relato de Clélia Parreira, professora em Saúde Coletiva na UnB, faz um resgate histórico de uma experiência pioneira no Brasil, desenvolvida no Ministério da Saúde, no início dos anos 90, que propunha a reflexão sobre a prática da saúde pelos caminhos de uma educação pela transformação.

Nesta edição do Visa É, Paulo Freire é reverenciado como celebridade na área da educação. O legado de Paulo Freire é a própria voz desse educador de ideias e ideais revolucionários, um cidadão do mundo, que acreditava na educação pela paz. Por isso, recuperamos uma entrevista com o professor, gravada no Instituto Paulo Freire, que foi ao ar com o Programa Salto para o Futuro do Ministério da Educação, de 20 a 30 de abril de 1997, um pouco antes de sua morte.

Como destaque, o Especial — Educavisa na Escola. Em palavras e imagens, mostramos o vigor, o dinamismo e a dedicação de todos que se envolveram com o projeto de educação e saúde realizado pela Anvisa, desde 2006, com as escolas da rede pública e com as unidades de vigilância sanitária locais. O projeto Educavisa é a “educação na dose certa” motivando e mobilizando professores, alunos e profissionais de vigilância sanitária em uma ação conjunta e inédita no âmbito desta Agência.

Os textos, emoldurados com criatividade e muita cor, são peças que apontam para a diversidade de opiniões, vivências e experiências de pessoas que, em algum momento de suas vidas, dedicaram o seu tempo à educação; fosse ela a ambiental, em saúde ou em vigilância sanitária: ora formulando conceitos e partilhando ideias, ora realizando oficinas, ministrando palestras, elaborando projetos e se integrando a ações educativas nas mais diversas áreas do saber. Pessoas que defendem uma prática pedagógica democrática, que permite a parceria, admite a troca, promove a solidariedade e atrai todos para a aventura em busca do conhecimento.

Você é o nosso convidado para esta jornada. Boa leitura!

Dirceu Raposo de Mello
Diretor-presidente



Copyright ©2009. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). É permitida a reprodução desta obra, desde que citada a fonte.

Diretor-Presidente
Dirceu Raposo de Mello

Adjunto de Diretor-presidente
Norberto Rech

Diretores
Agnelo Santos Queiroz Filho
Dirceu Brás Aparecido Barbano
José Agenor Álvares da Silva
Maria Cecília Martins Brito

Gerência Geral de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, Publicidade, Promoção e Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária (GGPRO)
Gerente Geral: Maria José Delgado Fagundes

Editoras
Maria José Delgado Fagundes
Rosaura Hexsel

Coordenação Editorial
Rosaura Hexsel

Textos
Rosaura Hexsel

Revisão
Rosaura Hexsel

Projeto Gráfico e diagramação
Paula Simões

Capa e ilustrações
Camila Medeiros

Colaboradoras
Alice Alves Souza • Ana Paula Dutra Massera
Camila Medeiros • Claudia Guimarães • Fernanda Horne
Maria Marta • JucáRenata Assis

e-mail: ggpro@anvisa.gov.br

sumário

- | | | | |
|----|---|----|--|
| 5 | Carta Enigmática | 37 | Piada |
| 6 | O idioma da saúde | 38 | Palavra puxa palavra - Casa de Poesia |
| 8 | Entrevista - Carlos Brândão | 40 | Celebridade - Paulo Freire |
| 12 | Memorial da Saúde - Informação, educação e comunicação: relato de uma experiência | 44 | Caça-palavras |
| 14 | Especial Educavisa | 45 | Quadrinhos |
| 16 | Bate-Papo - Maria José Delgado Fagundes | 46 | Propaganda: a conquista da atenção |
| 18 | Você Sabia | 47 | Na ponta da língua |
| 20 | Vivências e experiências | 48 | O Jogo da Carta da Vida |
| 24 | Educação e Saúde: a dose certa para uma vida saudável | 52 | Curiosidades |
| 31 | O jogo dos sete erros | 54 | Estante VISA É |
| 32 | Educavisa na prática | 57 | Memória Editorial |
| 36 | Diagrama | 58 | Receitas |
| 37 | Trava-línguas | 60 | Linha do tempo da Propaganda de Medicamentos no Brasil - 1900 - 2009 |
| | | 66 | Respostas |

carta enigmática





Em 1948, ano em que foi criada, a Organização Mundial de Saúde (OMS) formulou um conceito de saúde que até hoje é objeto de discussão: “Saúde é o mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade”. Qualquer profissional da área – não, qualquer pessoa de bom senso – assinaria embaixo. Qual, então, o motivo da controvérsia? Resposta: a excessiva abrangência do conceito, que o torna pouco prático, pouco operacional. Serviria antes como definição de felicidade, dizem os céticos.

Não sem alguma razão. Doença é uma coisa relativamente fácil de definir: há critérios diagnósticos para um grande número de enfermidades, estabelecidos pela própria OMS e frequentemente apoiados em parâmetros numéricos, como temperatura corporal, medida de tensão arterial, dosagens sanguíneas. Agora: que exame de sangue nos revela o grau de bem-estar? Trata-se de uma avaliação inevitavelmente subjetiva. Nelson Rodrigues falava com desprezo dos “idiotas da objetividade”, mas ao fim e ao cabo são estes que fornecem os elementos para o processo decisório. Não por outra razão a saúde pública recorre a indicadores numéricos para o planejamento e a avaliação de suas atividades. Paradoxalmente, esses indicadores referem-se à mortalidade – mortalidade infantil, mortalidade materna, mortalidade por causas específicas – ou à morbidade, isto é, doenças. Só raramente tratam da saúde propriamente dita.

Há outro aspecto. A doença fala: ela nos faz gemer, gritar. A doença tem voz, a voz de uma experiência física – e existencial – intensa, motivo pelo qual serviu, e serve, de tema para escritores: a tuberculose em *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, a afasia em *De Profundis: Valsa Lenta*, de José Cardoso Pires, a depressão em *A Escuridão Visível*, de William Styron, a Aids em *Ao Amigo que Não Me Salvou a Vida*, de Hervé Guibert, são apenas alguns exemplos. Raymond Carver, enfermo, conseguiu mesmo antecipar a morte – em uma dilacerante mensagem a seus amigos: “*I’ll be wired every whichway/ in a hospital bed./ Tubes running into/ my nose. But try not to be scared of me, friends./ I’m telling you right now that this is okay*”. (“Estarei com fios por todos os lados/ em um leito de hospital./ Tubos entrando/ em minhas narinas. Mas tentem não se assustar, amigos./ Digo-lhes, neste instante, que está tudo bem.”)

“Mudar o jeito que falamos de saúde significa mudar o nosso estilo de vida.”

Agora: ninguém escreveu um romance sobre um personagem cujo característico maior é ser sadio. Há um silêncio literário a respeito, contrapartida ao silêncio dos órgãos – uma das definições que já foram dadas à saúde. Teoricamente, a higidez não tem voz. Para muitas pessoas estar sadio é simplesmente, e ao contrário do que pretende a OMS, não estar doente.

Mas será que isso é suficiente? Para falar de saúde, precisamos aprender o idioma da saúde. Não é fácil. A própria palavra “saúde”, que usamos sobretudo para alguém que espirra, soa prosaica, convencional, babaca até. “É o mais tolo vocábulo em nosso idioma”, disse, com desprezo, o iconoclasta Oscar Wilde.

Mudar o jeito que falamos de saúde significa mudar o nosso estilo de vida. No começo, lutamos contra a inércia. Mas então vem aquilo que poderíamos chamar de “salto de qualidade” e passamos a um novo patamar de nossa existência. Passamos a dialogar com nosso corpo e, para nossa surpresa, descobrimos que esse é um diálogo gratificante. Sabem-no bem as pessoas que embarcam em um programa de exercício. A sensação de bem-estar que se tem depois é algo. São as endorfinas? Bem, então são as endorfinas. Se o corpo se expressa através delas, tudo bem. Às vezes a voz da saúde é a voz do corpo grato. Ex-fumantes falam da sensação de bem-estar que acompanha o

abandono do tabaco: melhora o apetite, melhora a capacidade física. Igualmente gratificante é a adoção de uma dieta saudável.

Como é que a gente aprende o idioma da saúde? Esse é um processo que compreende cinco etapas. A primeira é a da informação: ficamos sabendo, por exemplo, que o tabaco causa câncer de pulmão. Informação hoje não falta, mas ela não é suficiente; pode ser neutralizada por um processo chamado dissonância cognitiva, pelo qual negamos aquilo que contraria o que estamos fazendo: não, o fumo não é tão ruim assim, conheço fumantes que chegaram aos 90 anos (um mecanismo de defesa que a indústria do tabaco reforça à exaustão). Admitida a informação, é preciso adotar uma atitude positiva, a disposição de mudar – e, em seguida, colocá-la na prática: saúde é comportamento. Mas esse comportamento não pode ser esporádico – o frenético esportista de fim de semana –, ele precisa transformar-se em hábito. E esse hábito, finalmente, deve ser incorporado pela comunidade, quando então estará constituída uma cultura da saúde, situação ideal. É o momento em que a comunidade dialoga com a pessoa e a pessoa dialoga com seu corpo – no idioma da saúde. Podemos até chamar a isso de felicidade, tanto faz. Nessa fase, à qual um dia chegaremos, a vida será mais importante que os conceitos.

MOACYR SCLIAR é médico e escritor, autor de: *A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura*. Texto extraído da revista “Veja Sua Saúde”, edição 1 – 28 de março de 2001: <http://veja.abril.com.br/especiais/saude/ensaio.html>. Acesso em 27 de março de 2009.

“Qualquer pessoa é sempre uma fonte única, original e irrepetível de conhecimento.”



Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e educador, nasceu em Goiás, em 1940, onde foi professor universitário de 1967 a 1975. Homem simples, fraterno, acolhedor e democrático, avesso às formalidades (não gosta de ser tratado por ‘senhor’, prefere ‘você’), logo cativa quem está no lugar de interlocutor. É mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ao longo de sua vida, entre períodos de alguns meses ou de vários anos, lecionou em 12 universidades do Brasil e da Europa. Desde 1963 trabalha como educador popular. É autor de vários livros nas áreas de antropologia social, educação, questões ambientais e literatura. Há mais de 15 anos dedica-se ativamente ao ambientalismo e, de maneira especial, à educação ambiental. Recentemente escreveu para o Programa dos Municípios Educadores Sustentáveis, do Ministério do Meio Ambiente, um livro com as ideias essenciais da proposta: “Aqui é onde eu moro. Aqui nós vivemos”. Trabalha atualmente no doutorado em Ambiente e Sociedade, na Unicamp, e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Nesta entrevista, fala ao VISA É sobre a sua experiência em educação popular e a possível aproximação entre a educação popular e a saúde.

VISA É — Você, em seu livro *O que é Educação* diz que a educação pode ser “tanto uma forma de opressão quanto uma forma de libertação. Isto depende apenas de como ela é pensada e praticada”. Explique esta afirmação.

Brandão — Muito fácil! E não precisamos sequer de complicadas teorias. Basta olhar com atenção e espírito crítico a trajetória da humanidade e o que ela praticou através da educação. No passado da Grécia ela formou os guerreiros de Esparta e os homens criadores da democracia em Atenas. Mais recentemente, ela gerou crianças e jovens fanatizados e sectários na Alemanha nazista; na mesma Alemanha onde hoje em dia uma outra educação procura formar pessoas incapazes de repetirem os enganos e os terrores de seus avós. Uma educação fechada e fundamentalista pode gerar homens e mulheres incapazes de tolerarem a diferença entre povos e culturas. Outra educação pode gerar mulheres e homens empenhados em lutar contra as desigualdades culturais de povos e de classes dentro de uma mesma sociedade.

Uma educação pode instruir e capacitar o futuro indivíduo “competente-competitivo”, cujo horizonte de vida é o mercado e cujo ideal de destino é o seu sucesso individual. Ao passo que uma outra educação pode formar, integralmente, a futura pessoa “consciente-cooperativa”, cujo horizonte de vida é o mundo em que vive, e cujo ideal de destino é compartilhar e partilhar, como um alguém cidadão e corresponsável, de tudo o que ele possa fazer em favor de um mundo mais humano. Uma “casa”, na Terra, habitada por uma gente mais solidária, livre e feliz.

VISA É — Em uma de suas entrevistas você falou estas palavras: “Ensinao demais aos ‘outros’ e o resultado é o mundo que aí está. Não terá chegado o tempo de aprender com eles?” O que isto significa?

Brandão — Todas as pedagogias críticas e humanistas fundam no diálogo com o outro o seu ponto de partida. E também o seu ponto de chegada. Mas, com frequência, esquecemos um preceito de base em uma educação dialógica: escutar e, depois, falar. Ou seja, uma educação da fala-depois-da-escuta. Esquecemos que qualquer outra pessoa — quem quer que seja — é sempre uma fonte única, original e irrepetível de conhecimento. O “outro” ao nosso lado, aquele que algumas vezes julgamos um “ignorante”, é apenas um sabedor de outros conhecimentos que não os nossos. O mesmo acontece com as culturas. Qualquer uma delas, das mais aparentemente simples às mais elaboradas, é um modo próprio e peculiar de sentir, de viver, de pensar e de compartilhar. Podemos classificar as culturas, mas no fundo cada

uma delas vale por si mesma. Temos sempre muito que aprender quando aprendemos a escutar, a ouvir atentamente a pessoa-do-outro. Ou escutar com atenção a voz de outras formas culturais de ser e de viver, antes de dizermos algo a elas.

VISA É — Quais as ferramentas necessárias para estimular as pessoas a se tornarem emancipadas, autônomas e construtoras de sua própria história, no sentido de promover a melhoria das condições de vida e saúde individual e coletiva?

Brandão — Sobretudo em questões relativas ao meio ambiente e à saúde de pessoas, famílias, comunidades e povos, a sabedoria autóctone do outro é sempre um repositório de saberes, de sentidos, de sensibilidades e de valores, desde onde devemos partir antes de pretender ensinar qualquer coisa. Não podemos esquecer que aquilo que hoje consideramos como as ciências médicas e as práticas de sanidade física e psicológica — eruditas e oficiais — algum dia foram criações, saberes e sistemas

"Temos sempre muito que aprender quando aprendemos a escutar, a ouvir atentamente a pessoa-do-outro."

de conhecimentos de povos indígenas, de comunidades negras, de culturas populares. Formas antecedentes e patrimoniais de se aprender a saber como conviver com o mundo, com a vida no mundo e com o próprio corpo. A prática do CÍRCULO DE CULTURA, uma proposta dialógica e metodológica vinda, também, das ideias de Paulo Freire e de outros educadores desde os anos 60, continua ainda vigente entre nós, como uma proposta fecunda e como uma prática de ensino-aprendizagem

dialógica através da partilha de saberes construídos; e não da oferta unidirecional de conhecimentos prontos. Uma experiência de pedagogia-e-saúde — em que reconhece que o saber-que-vale não é uma posse exclusiva de ninguém, mas ao ser verdadeiro e eficiente — vale como um dom de troca e reciprocidade que, livre e aberto, flui entre e através das pessoas.

VISA É — Uma das preocupações da vigilância sanitária, ao trabalhar com a educação, é considerar a pluralidade do outro, respeitando o contexto histórico e sociocultural dos públicos com os quais trabalha. Você acha possível usar o conjunto teórico e metodológico da educação popular em ações educativas no campo da saúde em geral, e da vigilância sanitária em particular? Como esse processo pode ser levado a efeito?

Brandão — Sim, acho que os três: educação popular, saber popular em saúde e saúde comunitária caminharam juntos desde muito tempo. Lembro que desde os anos 60, no Movimento de Educação de Base em que trabalhei até 1966, ao lado de programas de alfabetiza-



"Ser o sujeito da história e ser um agente criador da cultura não são adjetivos qualificadores do homem. São, a nosso ver, o seu substantivo."

ção e de educação de base trabalhávamos intensamente com saúde comunitária, com o mesmo espírito de trocas entre saberes e valores comunitários e os nossos. Lembro que chegamos a editar um livrinho: *Mutirão para a Saúde*, com belas ilustrações do Ziraldo. Hoje mesmo existe entre nós toda uma linha de educação-e-saúde-popular entre pessoas que interagem tanto entre essas duas áreas quanto em todas aquelas que envolvem a "saúde do planeta Terra" e a "vida de qualidade de seus seres". Na verdade, o que temos diante de nós é uma mesma área do saber e do fazer humanos, separada e unida em/entre dois planos. Eymard Vasconcelos, médico e doutor em pedagogia, é um dos principais representantes desse enlace educação-e-saúde, entre nós. Para nós, antropólogos e educadores, a saúde é algo que tanto existe no corpo das pessoas — e entre as pessoas em uma comunidade — quanto é algo que existe nas mentes humanas, entre seus saberes e suas culturas. Ela dialoga com tudo o que tem a ver com outros planos, outras esferas do pensamento e da vida cotidiana, com o trabalho, a educação, o poder e assim por diante. Lembro que talvez uma das práticas mais conhecidas nesse campo tenha sido uma das pesquisas colocadas no livro *Pesquisa Participante*, que eu coordenei. A pesquisa tomou este curioso nome: *O Meio Grito: um estudo sobre condições, direitos, valor e trabalho popular associados ao problema saúde*. Esta pesquisa foi realizada pelas Comissões das Pastorais

da Saúde da Diocese de Goiás. Seu coordenador foi um médico e o trabalho foi inteiramente participativo, envolvendo pessoas das comunidades (maioria de mulheres) e agentes de pastoral da diocese. Recomendando a leitura de todo o capítulo de *O Meio Grito*.

VISA É — **Você é tido como um dos herdeiros e estudiosos da obra de Paulo Freire, além de ter mantido uma grande amizade com o educador. Fale-nos em que contexto social, histórico e cultural surgiu a *Pedagogia do Oprimido*, livro que sinaliza a necessidade de unir o rigor técnico-científico à imaginação criadora.**

Brandão — Nos primeiros anos da década de 60, Paulo Freire e sua equipe de Pernambuco iniciaram em Angicos, sertão do Rio Grande do Norte, uma experiência inovadora de alfabetização que traria alguns fundamentos de teoria e prática que, anos mais tarde, vieram a ser o que chamamos de educação popular. Paulo e sua equipe criaram um programa de alfabetização para adultos que serviu de base ao desenvolvimento do Método Paulo Freire de Alfabetização Popular, reconhecido internacionalmente. Nos seus primeiros documentos a proposta original apresentava-se como uma alternativa pedagógica de trabalho político, que parte da cultura e se realiza através da cultura. Assim, a criação cultural de pessoas, de classes e de comunidades, antes um mero objeto de estudo de folcloristas e cientistas sociais, deixa de ser "objeto de pesquisa" e se transforma, também, em um alicerce de ação política e de vocação pedagógica. É quando são, então, criados entre nós os primeiros movimentos de cultura popular. O livro *Pedagogia do Oprimido*, uma das mais importantes obras de Freire, foi escrito em 1968 durante o exílio do educador. No Brasil, o livro foi publicado em 1970 pela Editora Paz e Terra. Foi posteriormente publicado em vários idiomas, tanto ocidentais quanto orientais, como o árabe e o chinês, por exemplo, e já conta com diversas edições. A essência da obra está no suposto de que o homem deve aprender a enunciar a sua própria palavra, e não simplesmente repetir a do outro. Porque, para Paulo Freire, a palavra é o meio pelo qual o indivíduo torna-se plenamente o sujeito de sua vida, de seu destino e de sua história social. É pelo diálogo que nos transformamos criadores e sujeitos de nossa própria história, a de nossa vida e a de nossa coletividade. Ser o sujeito da história e ser um agente criador da cultura não são adjetivos qualificadores do homem. São, a nosso ver, o seu substantivo. Mas não são, igualmente, a sua essência e, sim, um momento do seu próprio processo dialético de humanização. O processo educativo, portanto, não é neutro. Ele se constitui, para Freire, em uma ação cultural para a libertação. Uma ação em

que a educação é flexível, participativa e dialógica. Em que o conhecimento é partilhado e constitui-se como uma contínua, progressiva e crescente troca de saberes. Mas a educação pode tomar o caminho oposto, o da dominação. Daí o uso do termo “educação bancária”, em Paulo Freire. Um processo educativo rígido, autoritário e antidialógico, em que o educador transfere os seus conhecimentos a alunos passivos e submissos. Os livros de Paulo Freire, e de outros educadores humanistas e críticos, nos levam a refletir sobre a realidade opressora. Uma realidade social que poderá ser transformada por meio da ação do sujeito consciente da exploração em que vive e que luta para que ocorra a mudança. O método Paulo Freire é, como bem definiu o professor Ernani Maria Fiori, “fundamentalmente um método de cultura popular: conscientiza e politiza”.

VISA É — O que é a cultura popular?

Brandão — Pouco a pouco a cultura popular tem sido definida como a prática de uma relação de compromissos e de alianças entre movimentos de cultura popular e movimentos populares através da cultura. Entre muitas polêmicas teóricas, programáticas e práticas, a cultura popular aspira se tornar um projeto de realização coletiva de um trabalho educativo (no sentido mais amplo e aberto da palavra) de vocação libertadora a ser construído como e por meio da cultura popular. Por esta razão, lembro uma frase que se tornou muito comum naquele período: “fazer cultura popular”. Ela significa, ao mesmo tempo, aquilo que o educador realiza junto ao povo, e aquilo que cria e produz um povo educado em direção a sua própria liberdade. Ora, uma cultura popular finalmente reflexiva, e não apenas reflexa, completaria a sua missão histórica quando assistisse ao dissolver-se das desigualdades entre as classes, acompanhada do surgimento de uma cultura unificada a partir do povo, que devolvesse ao imaginário de todos o seu sentido humano de universalidade. Em suma, ela seria o sinal do trânsito entre aquilo que as pessoas do povo criam e vivem ao repetirem nos gestos do presente os significados subalternos do passado, em direção a algo que, ao se transformar em uma consciência autônoma de seu poder criador, venha a ser, para ele mesmo, o momento fundador de sua possibilidade de agir culturalmente como um agente histórico de transformação.

VISA É — A alfabetização seria uma forma de cultura popular?

Brandão — A alfabetização é uma forma de cultura. O trabalho de alfabetização deve adotar uma intera-

ção cada vez maior com o povo. Esta prática deve buscar uma identificação tão completa quanto seja possível com a comunidade onde atua. Sempre que possível e viável esse trabalho deve buscar um diálogo crítico que não deverá ser somente entre o alfabetizador e os alfabetizados, mas, para além deles, um fecundo diálogo entre estes últimos, propiciando um processo de desenvolvimento cultural dinâmico.

VISA É — Dentre as várias publicações de sua autoria, uma delas destaca-se por ser uma obra ao mesmo tempo romanceada e didática: *A História do Menino que lia mundo*. O que o inspirou a escrevê-la e para qual o público se destina?

Brandão — Na verdade, este é um mesmo livro em duas edições. Uma delas, a primeira, foi elaborada a pedido do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 2001. Saiu como *Cadernos Fazendo História nº 7* e foi dedicado a crianças e jovens dos assentamentos e dos acampamentos espalhados por todo o Brasil. Foram feitas várias edições. Seu nome era: *A História do Menino que lia o mundo*. Depois escrevi, com a colaboração de Ana Maria Freire, um segundo olhar do mesmo livro, com outro nome, mas parecido: *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras*. Esta é uma versão bem mais completa, mas ainda feita em linguagem própria para crianças e jovens. Lá está a descrição passo a passo do Método Paulo Freire. Nesta segunda versão há alguns jogos com palavras que fui criando. Um deles poderia ser algo modificado para ser um JOGO DA VIDA E A SAÚDE.

Conheça o JOGO DA VIDA, elaborado por Carlos Brandão, na página 48.



MEMORIAL DA SAÚDE

INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Por Clélia Parreira



Há muito tento resgatar, de forma tal que possa escrever a respeito, um pouco da experiência que tive o privilégio de participar no início dos anos 90, quando se fez necessário estruturar projetos que reunissem, como eixo estruturante de sua realização, as áreas de informação, educação e comunicação em saúde (IEC) no Nordeste brasileiro. Eu, diferente dos demais membros da equipe que se formava na ocasião, vinha da área da educação e com algumas concepções sobre a intencionalidade da formação humana e, naturalmente, com a convicção de que ela não se esgota na ação de um sujeito sobre o outro, sequer no ato de ensinar. Esta convicção — adquirida nas tantas leituras e paixões despertadas pela aproximação que tinha com as palavras de Paulo Freire — me ajudou no diálogo com o restante do grupo, sobretudo com aqueles que eram da área de comunicação.

A crença cegante que trazia comigo de que educação pede troca de saberes, desejos e vontades, além do enfrentamento e da superação do não-saber-fazer, não me parecia suficiente para embrenhar-me no campo da saúde, onde os movimentos populares sempre foram muito fortes e presentes nos projetos e ações que naquele momento pediam aprovação, assessoramento e apoio financeiro desse grupo. Ficamos conhecidos como o Grupo de IEC¹ do Ministério da Saúde e que, embora tenha produzido muitos materiais educativos e alguns tímidos textos a respeito dessa experiência, não foi su-

ficientemente disseminado para além dos territórios em que estive e das memórias dos sujeitos com os quais trabalhei nessa caminhada que trago de forma tão marcada, desde então.

No começo, acredito que nem todos nós sabíamos que o modo como estávamos trabalhando correspondia a uma educação transformadora; nos termos em que a própria teoria educacional já pregava. Nem saberia dizer se quando concordávamos a respeito da necessidade de os projetos que apoiávamos estarem a serviço dos sujeitos e das coletividades — para que eles pudessem ter mais autonomia com relação à sua própria saúde e às escolhas que precisariam ou deveriam fazer — estávamos, de fato, conscientes da potencialidade dessa ação pedagógica; ou sequer a respeito da importância que essa formação de lideranças comunitárias tinha, como alguns teóricos afirmam, na produção e na consolidação de outros modelos de saber e fazer mediações, ações cooperadas, solidárias e transformadoras.

É intrigante recordar que não fazíamos discussões ou reflexões sobre os fundamentos da educação e as práticas educativas em saúde, mas tínhamos claro que o foco de toda ação educativa em saúde é sempre o homem, e não os instrumentos, as metodologias ou os conteúdos. Talvez porque nossas conversas e nossos debates acalorados sempre giravam em torno de algum texto que alguém trazia, produzia, ou ao redor de algum material informativo que tínhamos acesso ou que nos pediam para avaliar. Esses eram instantes efervescentes que nos levavam a diálogos inquietos. Eram esses momentos que nos revigoravam.

Certa vez, para surpresa e fascinação de alguns, um texto produzido por nós, depois de uma dessas discussões, foi creditado a Paulo Freire. Como assim? Como foi possível alguém achar que ali estava um texto original, não publicado, do grande inspirador? Restou-nos dar risadas com

¹ Fizeram parte da equipe técnica desse grupo, em algum momento de sua existência, os seguintes profissionais: Ângela Dumont, Celso Roque, Clélia Parreira, Espedito Manguiera, Eugênia Lacerda, Glaci da Cunha, Júlia Bucher, Katia Fernandes, Liliane Paula Guimarães de Oliveira, Maria Rita Dantas, Regina Ignarra, Rosaura Hexsel, Rui Anastácio e Sônia Regina de Oliveira Rocha.

o comentário desavisado, com o engano tão disparatado. E hoje, nesta revisão que faço, penso que isso tenha ocorrido porque, no fundo, o trabalho que fazíamos estava muito ancorado nos preceitos da educação popular em saúde.

Embora atualmente o desafio das práticas populares em saúde e de ações IEC esteja mais voltado ao estabelecimento de um diálogo generoso com o mundo digital, com as novas tecnologias da informação e da comunicação (e suas expressões e implicações para o campo da educação e da saúde) naquela ocasião se buscava assumir uma abordagem mais sistêmica e a construção de alternativas que fossem férteis no desenvolvimento de projetos de mobilização social em favor da saúde. Fruto desse esforço foi o reconhecimento da indissociabilidade entre a informação, a educação e a comunicação; e a consolidação de um novo campo de ação em saúde, capaz de preservar — e em alguns casos reafirmar — os elementos que davam sustentação às concepções mais estruturantes de cada um desses conceitos (Brasil, 1996 e 1998). Foi assim que o grupo assumiu a informação — antes vista como dado — como conteúdo e como linguagem; passou a tratar a comunicação como instrumento de transformação social e destacou a sua associação com processos de ação comunitária e libertária (Bordenave, 2002). Nesta mesma direção, elegeu a educação como capaz de permitir a substituição de antigos e arraigados hábitos de passividade por novas práticas participativas e transformadoras (Freire, 1994).

Tempos depois, quando todos os que estiveram na construção dessa ação de IEC, cuja marca maior foi a impregnação de um modo de fazer mais coletivo e solidário, já estavam em outras instituições e ocupando outros espaços de trabalho. Revivi — em um dos Fóruns e Seminários de Educação Popular e Promoção da Saúde, promovidos pelo Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (UnB) — inquietação similar. Não sei se por gosto ou tendência para superestimar o passado recebi a palestra de Carlos Rodrigues Brandão, que apresentava o balanço que fez sobre os 40 anos da educação popular, como uma provocação direta. E no diálogo em que transformou sua palestra, fez inúmeras perguntas para as quais pensava responder com essa experiência do Grupo de IEC.

Lembro de ele indagar ao público (ainda que naquele instante parecessem dirigidas somente a mim) o seguinte: — Será que essa dimensão pedagógica, essa dimensão educativa, de um trabalho de saúde deve parar num aprendizado passivo de preceitos de puericultura, de higiene, e assim por diante? Será que pessoas do povo, mulheres e homens, inclusive muitos deles já associados,

embriões de movimentos, de comissões, de frentes de lutas pelos direitos à saúde, não deveriam, nos seus encontros e no seu trabalho, realizar experiências dialógicas de um teor conscientizador também? Ou seja, será que refletir questões de saúde, como num outro plano, questões de alimentação, tão colada à saúde, mas também questão de vida comunitária, de habitação, de transporte — ou seja lá o que for — será que em tudo isso não há dimensões questionadoras, críticas, de construção de consciências? Será que eu devo aprender apenas, com os profissionais da saúde, como cuidar dos meus filhos ou do meu corpo? Ou será que eu devo aprender, por meio do trabalho que eu realizo na área da saúde, a como cuidar da minha própria sociedade, do meu próprio mundo, do meu próprio país, do próprio lugar onde eu vivo?

Foi ali que respondi em silêncio: Sim! E sempre será possível! Ainda que para isso tenhamos que voltar aos tempos em que a educação popular foi pulsante. Não no sentido de fazer ou produzir movimentos desordenados e agitados, mas no de repetir aqueles batimentos ritmados, como captado e sentido no coração.

Dizia sim, mentalmente, porque recordava o quanto foi possível ao Grupo de IEC fazê-lo. Talvez porque ele tenha sido ousado em pensar as ações de informação, educação e comunicação em saúde sempre atreladas às questões implicadas no desenvolvimento humano; ou porque a composição desse grupo tenha oportunizado uma aprendizagem tão expressiva que na dinâmica de seu trabalho cotidiano, cujo apelo burocrático havia sido tão intenso, cedeu lugar à criatividade, à autonomia e à ação cooperada a respeito das quais tanto se lê e pouco se pratica.

REFERÊNCIAS:

BORDENAVE, J.E.D. Além dos Meios e Mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 22ª reimpressão, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Informação, Educação e Comunicação: Uma estratégia para o SUS. Brasília: Editora do MS, 1996.

_____. Ações de IEC: Perspectivas para uma avaliação. Brasília: Editora do MS Ministério da Saúde, 1998.

CLÉLIA PARREIRA é professora adjunta da Faculdade de Ceilândia, da Universidade de Brasília, onde coordena o Curso de Graduação em Saúde Coletiva. A experiência a que se refere é a que teve início na Coordenação de Informação, Educação e Comunicação em Saúde, área extinta em 1998, e posteriormente resgatada na Coordenação de Promoção da Saúde, do Ministério da Saúde.



Educanvisa: educação em vigilância sanitária, um dos projetos de educação da Anvisa, tem sido o diferencial para muitas escolas brasileiras que participam dessa iniciativa, inserindo os conteúdos da vigilância sanitária no currículo escolar.

As ações educativas, coordenadas pela Gerência Geral de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, Publicidade, Promoção e Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária (GGPRO)¹, uma das áreas técnicas da Anvisa, foram iniciadas em 2005 com a criação, primeiro do Projeto Educação para o Uso Correto de Medicamentos e de outros Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária, mais conhecido por Educanvisa, o qual contou com o apoio do Ministério da Justiça; e, depois, em 2006, com o desenvolvimento do projeto chamado O Contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o Uso Racional de Medicamentos. Este último, financiado pelo Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde (DAF/MS) e da Unesco.

Com a proposta de incluir a temática da promoção da saúde, em especial da vigilância sanitária, no projeto político-pedagógico das escolas participantes, foram realizadas oficinas de capacitação para professores da educação básica de escolas públicas e profissionais de vigilância sanitária, visando a aplicação do conteúdo em sala de aula. Nesse processo, o aluno também se torna um multiplicador do conhecimento entre seus familiares, amigos e vizinhos.

Mas foi a partir de 2009 que as ações foram unificadas em um só projeto educativo, o Educanvisa, ampliando o seu raio de ação e trazendo novidades. A primeira delas foi a reestruturação do projeto, para conferir a di-



namicidade necessária a uma proposta reconhecidamente importante para a saúde coletiva. Para isso, foram introduzidas novas metodologias e novas formas de abordagem aos temas, além de uma nova identidade visual. A inspiração para estas mudanças deve-se, sobretudo, às experiências adquiridas durante as capacitações anteriores e ao aprendizado e à convivência da equipe técnica com os professores e os profissionais de vigilância sanitária, os grandes aliados nesse trabalho.

O Educanvisa tem servido de modelo para muitas outras iniciativas de educação em vigilância sanitária. Os resultados desse sucesso foram demonstrados nos cinco encontros realizados em 2008 e nos relatos de três coordenadoras do projeto, em três estados do Brasil: Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo.

Os planos para o futuro dessa proposta educativa poderão ser conferidos no bate-papo com a coordenadora geral da iniciativa, Maria José Delgado Fagundes.

Entusiasmo e dedicação da equipe é o que não falta. Estamos, sem dúvida, diante de um bom exemplo de como promover mudanças e buscar qualidade de vida para todos.

¹Em 2009, a Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, Publicidade, Promoção e Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária, antes GPROP, transformou-se em Gerência Geral, GGPRO.

“ *A ideia é estimular a mudança de hábitos e de atitudes nocivas à saúde das pessoas* ”



Fotografia: Tainá Frota

Advogada, especialista em Saúde Pública e em Bioética, ela atua como gerente geral da GGPRO/Anvisa. Nesta conversa com o VISA É, Maria José Delgado Fagundes fala sobre o projeto Educanvisa, que está sob a sua coordenação desde que foi criado. Ela conta a trajetória histórica de uma ação pioneira no âmbito da Agência e esclarece: “A ideia é estimular a mudança de hábitos e de atitudes nocivas à saúde das pessoas a partir da atuação na comunidade escolar, contando sempre com os colegas das vigilâncias sanitárias locais e os professores, alunos e diretores das escolas parceiras”.

VISA É — O que é o projeto Educanvisa e o que ele objetiva?

Maria José — O Educanvisa foi iniciado com uma parceria entre a Agência e o Conselho Federal de Fundo de Direito Difuso (CFDD), do Ministério da Justiça. Para nós, da vigilância sanitária, é uma experiência pioneira que privilegia o desenvolvimento de ações de educação e informação em saúde nas escolas. A intenção é estimular a mudança de hábitos e atitudes prejudiciais à saúde, a partir da atuação na comunidade escolar, como um todo. Com isso, pretendemos formar profissionais comprometidos com a promoção da saúde, em particular os professores e agentes das vigilâncias sanitárias locais, potenciais multiplicadores do conhecimento nos seus municípios. Acreditamos, com isto, contribuir para a formação de cidadãos mais esclarecidos quanto ao uso correto de medicamentos, estimulando atitudes de cuidado com a sua saúde e com a saúde dos outros.

VISA É — Qual foi o tema mobilizador do projeto?

Maria José — O tema que motivou toda a ação educativa foi a influência da propaganda no consumo de me-

dicamentos e de outros produtos sujeitos à vigilância sanitária, nossa área de atuação. No entanto, não podemos falar sobre propaganda de medicamentos sem abordar outras temáticas relevantes para a saúde, tais como: os riscos da automedicação; orientações sobre o uso racional de medicamentos; e cuidados necessários tanto para o consumo de produtos - como os alimentos - quanto para a aquisição de cosméticos e saneantes (alvejantes, desinfetantes, inseticidas etc.), por exemplo.

VISA É — Como é a capacitação?

Maria José — O Educanvisa investiu na formação de multiplicadores do conhecimento em vigilância sanitária, direcionando a capacitação a professores e profissionais de vigilância sanitária que poderão partilhar esse aprendizado com os alunos e a comunidade, respectivamente. O efeito é capilarizador, pois acaba formando uma rede de multiplicadores. O aluno se apropria do conhecimento e divide a sua experiência com os familiares, amigos, vizinhos. O mesmo acontece com a população, que também vai construindo um novo saber.

VISA É — É uma proposta bastante ousada...

Maria José — Mas possível de acontecer. O nosso papel é oferecer as ferramentas (contribuição intelectual, material educativo, capacitação) para alavancar o processo e estarmos abertos para apoiar as experiências que daí derivarem. Quando necessário, atuamos como facilitadores e negociadores políticos, mas incentivamos a autonomia e estimulamos a sustentabilidade da ação, reforçando a importância de reunir esforços e estabelecer parcerias.

VISA É — E quanto aos resultados?

Maria José — Os resultados foram expressivos nesses três anos de execução. Contamos com o apoio dos ministérios da Saúde e da Justiça, das vigilâncias sanitárias envolvidas, das prefeituras e secretarias estaduais e municipais de Educação que acreditaram no projeto. Além disso, a participação das universidades e de outras tantas instituições que colaboraram nas atividades foram fundamentais. Mas, foi no interior das escolas que a proposta ganhou força e cor; principalmente pela dedicação dos professores e coorde-

nadores que conduziram o tema com responsabilidade, nas salas de aula, e graças à disposição dos alunos que levaram as mensagens, sob as mais variadas e criativas formas de expressão, aos eventos realizados na comunidade.

VISA É — Perspectivas para os próximos anos...

Maria José — Acreditamos que motivação e persistência não faltam para darmos continuidade à proposta, sobretudo se considerarmos as importantes parcerias que foram firmadas e a adesão das escolas que participaram do projeto. No início deste ano, foram dadas as primeiras pinceladas para a nova versão do Educavisa, que já começou a ser executada. Nessa segunda fase, o projeto se apresentou com uma nova roupagem, mas mantendo a sua essência — contribuir para a proteção e promoção da saúde da população. Até agora, foram realizadas seis oficinas de capacitação em Brasília, promovidas pela Anvisa. Quase 600 pessoas, entre professores e agentes de vigilância sanitária, foram capacitadas neste segundo semestre. Assim que for finalizado o processo, com a aplicação das atividades em sala de aula, a apresentação dos resultados, a elaboração e a publicação dos relatórios finais, a coordenação do projeto já começa a preparar a terceira fase, prevista para 2011.

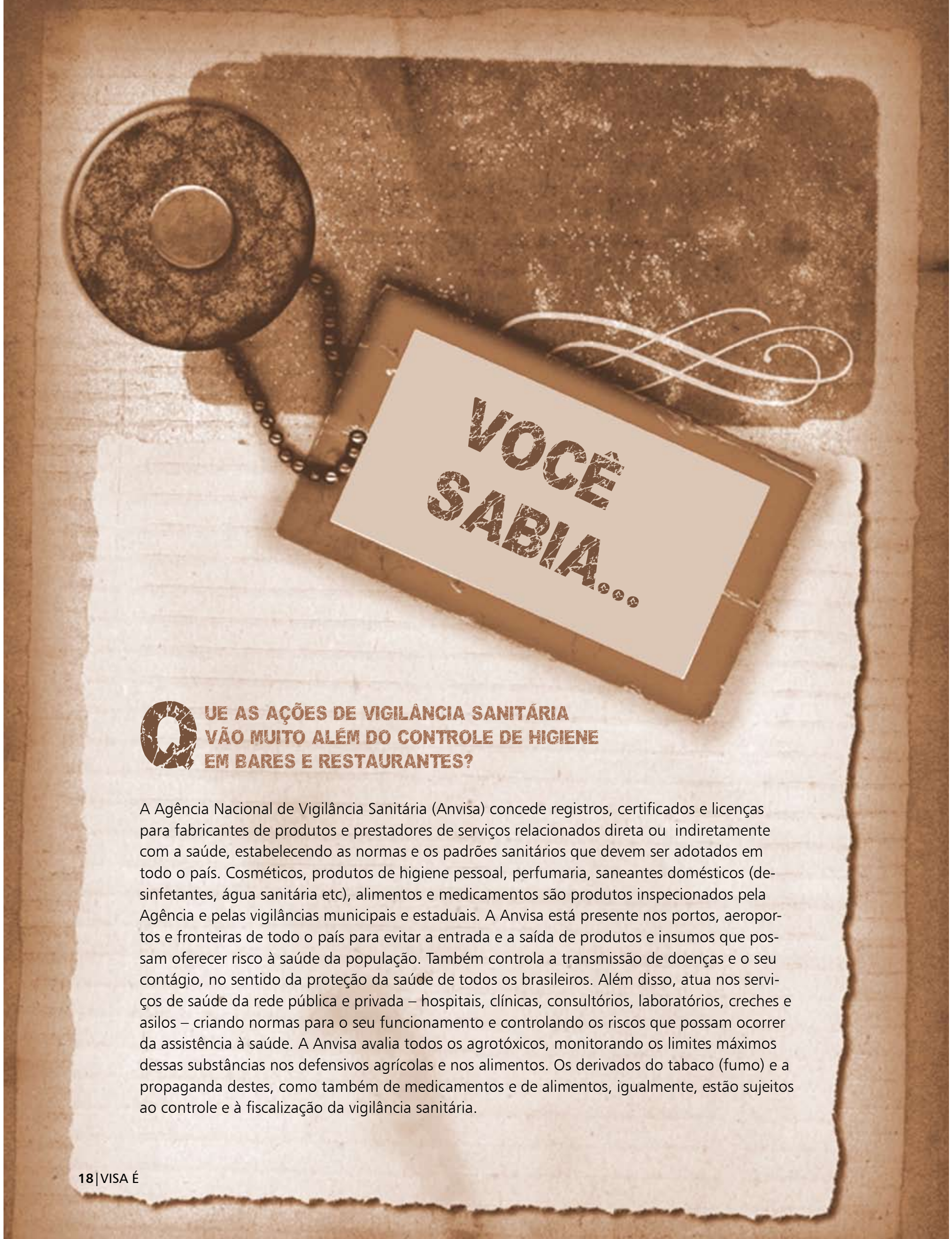
"Pretendemos formar profissionais comprometidos com a promoção da saúde, em particular os professores e agentes das vigilâncias sanitárias locais, potenciais multiplicadores do conhecimento nos seus municípios".

Da Academia para a Vigilância Sanitária

A sugestão para desenvolver ações educativas em vigilância sanitária no ambiente escolar partiu de um trabalho que tem origem no espaço acadêmico. As primeiras pinceladas do projeto Educavisa foram inspiradas em um projeto realizado por um aluno de Ciências da Educação, de uma universidade particular de Brasília, no Distrito Federal, Paulo Cesar Ferreira Maia.

O projeto deste aluno teve como objetivo geral: "Criar uma população consciente, com capacidade de influenciar e educar uma nova geração, a fim de evitar o uso indevido de medicamentos por meio da propaganda e suas consequências, tendo como veículo desta formação o professor como principal multiplicador e, conseqüentemente, os alunos da escola pública do ensino fundamental". Segundo Maria José, o estudo tentou identificar a influência da propaganda de medicamentos na automedicação. Ao desenvolver ações educativas com crianças do ensino fundamental em uma escola pública do DF, por meio de técnicas pedagógicas adequadas, Paulo Cesar percebeu que era possível trabalhar os conteúdos de vigilância sanitária com esse público. Isso ocorreu entre 2003 e 2004 e a GPROP acompanhou, como observadora, parte desse trabalho. Os resultados obtidos nas atividades de campo foram registrados em seu trabalho de conclusão de curso, cujo orientador foi o professor Fernando Luis González Rey.

A oportunidade do tema despertou o interesse da Gerência, que acabou aderindo à ideia, à essência e ao espírito do trabalho, transformando a proposta acadêmica em um projeto que deu origem ao primeiro desenho do que hoje é o Educavisa.



**VOCE
SABIA...**



**QUE AS AÇÕES DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA
VÃO MUITO ALÉM DO CONTROLE DE HIGIENE
EM BARES E RESTAURANTES?**

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) concede registros, certificados e licenças para fabricantes de produtos e prestadores de serviços relacionados direta ou indiretamente com a saúde, estabelecendo as normas e os padrões sanitários que devem ser adotados em todo o país. Cosméticos, produtos de higiene pessoal, perfumaria, saneantes domésticos (desinfetantes, água sanitária etc), alimentos e medicamentos são produtos inspecionados pela Agência e pelas vigilâncias municipais e estaduais. A Anvisa está presente nos portos, aeroportos e fronteiras de todo o país para evitar a entrada e a saída de produtos e insumos que possam oferecer risco à saúde da população. Também controla a transmissão de doenças e o seu contágio, no sentido da proteção da saúde de todos os brasileiros. Além disso, atua nos serviços de saúde da rede pública e privada – hospitais, clínicas, consultórios, laboratórios, creches e asilos – criando normas para o seu funcionamento e controlando os riscos que possam ocorrer da assistência à saúde. A Anvisa avalia todos os agrotóxicos, monitorando os limites máximos dessas substâncias nos defensivos agrícolas e nos alimentos. Os derivados do tabaco (fumo) e a propaganda destes, como também de medicamentos e de alimentos, igualmente, estão sujeitos ao controle e à fiscalização da vigilância sanitária.

QUE A GRAVIDADE DOS CASOS DA GRIPE A (H1N1) E DA COMUM É SEMELHANTE?

Dados indicam que a abordagem clínica para o diagnóstico, tratamento e internação deve ser a mesma para ambos os vírus, divulgou em nota o Ministério da Saúde, no Portal da Saúde. Influenza A (H1N1) é uma doença respiratória aguda (gripe), causada pelo vírus A (H1N1). Este novo subtipo do vírus da Influenza é transmitido de pessoa a pessoa principalmente por meio da tosse ou espirro e de contato com secreções respiratórias de pessoas infectadas.

Cuidados para se prevenir da doença

Alguns cuidados básicos de higiene podem ser tomados, como: lavar bem as mãos, frequentemente, com água e sabão; evitar tocar os olhos, boca e nariz após contato com superfícies; não compartilhar objetos de uso pessoal; e cobrir a boca e o nariz com lenço descartável ao tossir ou espirrar. **Saiba mais sobre lavagem das mãos na página 67.**

Sintomas

Febre repentina, tosse, dor de cabeça, dores musculares, dores nas articulações e coriza. A recomendação é que a pessoa procure um médico ou um serviço de saúde, como já se faz com a gripe comum.

<http://portal.saude.gov.br> • <http://www.anvisa.gov.br> • Disque Saúde (0800 61 1997)

QUE MUITAS DOENÇAS PODERIAM SER EVITADAS APENAS PRATICANDO ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA REGULARMENTE?

Estimativas globais da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que 22% das doenças cardíacas, 10% a 16% dos casos de diabetes tipo 2 e de cânceres de mama, cólon e reto poderiam ser evitados com a realização de um volume suficiente de atividade física. (Fonte: Epidemiol. Serv.Saúde, Brasília, 18(1):7-16, jan-mar 2009).

QUE A MOBILIZAÇÃO SOCIAL É DETERMINANTE PARA O SUCESSO DE COMBATE À DENGUE?

A dengue é um dos grandes desafios que o Brasil enfrenta na área da saúde e a união dos diversos setores da sociedade pode representar o ponto mais importante para deixá-la bem longe de todos. Junte um grupo de amigos, vizinhos, colegas de trabalho, membros da sua igreja, familiares e comece, aí mesmo onde você mora, a combater a dengue. Procure os agentes comunitários para trocar ideias e participar, com o seu grupo, de todas as ações de combate à dengue que eles estejam promovendo. O site *A Campanha Brasil Unido contra a Dengue* (www.combatadengue.com.br) fornece vários formatos de peças publicitárias para serem divulgadas em jornais, revistas, folhetos, rádio, TV. Para mais informações, ligue para o Disque Saúde (0800-61-1997) ou procure a unidade de saúde mais próxima da sua casa.

O Brasil está unido contra a dengue.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS



O EDUCANVISA EM VOTUPORANGA

a vivência da Escola

O projeto Educação e Promoção da Saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o Uso Racional de Medicamentos iniciou-se em Votuporanga, São Paulo, no ano de 2007 e foi desenvolvido em quatro escolas. Em 2008, o quadro permaneceu inalterável de forma que, nesses dois anos, houve o envolvimento direto de 2.720 pessoas e, indiretamente, de 1.240, dentre elas discentes e uma quantidade considerável, mas não calculada, de familiares; docentes e funcionários.

Neste ano, houve o envolvimento da Secretaria Municipal da Saúde, dos funcionários da vigilância sanitária local e de 12 escolas, dentre elas os Centros de Educação Municipal (CEMs) e os Centros Municipais de Educação Infantil (Cemeis). Nas unidades escolares, 1.286 pessoas, dentre alunos, professores e funcionários tiveram participação direta, sendo que as demais pessoas que compõem o quadro escolar, juntamente com os familiares estão sendo envolvidas de forma indireta.

Desde 2007, tem-se desenvolvido diversas atividades, sendo que, em 2008, houve o enriquecimento do conteúdo com o tema "Alimentação Saudável: Fique Esperto!", tudo com o objetivo de informar e sensibilizar todos os envolvidos no projeto Educanvisa.

Durante esse período de realização do Educanvisa, foram realizadas: palestras sobre alimentação e medicação; aulas expositivas sobre a conservação e armazenamento de produtos alimentícios e, também, de medicamentos e sobre a pirâmide alimentar; exibição do vídeo "Conhecendo os Alimentos com o Senhor Banana" e de vídeos sobre a influência das propagandas; realização de pesquisas; promoção de atividades escritas e ilustradas, como leitura individual e coletiva; criação e confecção de painéis, cartazes, livros de poesias, livros gigantes de receitas saudáveis, produção de folhetos informativos sobre medicamentos e alimentos; criação de história em quadrinhos; leitura de rótulos e de embalagens, medicamentos e alimentos, a fim de verificar componentes tais como a data de fabricação, a validade entre outros; visita ao supermercado e compra de gêneros alimentícios; visita à horta, compra de verduras e seu preparo; visita à farmácia; criação de

jogos, como por exemplo quebra-cabeça, bingo, jogo da memória, trilha, dado gigante; apresentação teatral sobre os temas trabalhados; realização de feira com alimentos e outros produtos. Além dessas atividades foram trabalhados, também, os materiais e jogos disponibilizados pela Anvisa.

Com o desenvolvimento do projeto, observou-se uma mudança significativa no comportamento dos estudantes e de seus familiares. Antes, os alunos levavam lanches sem grande valor nutricional. Após o projeto, passaram a valorizar e se alimentar mais da merenda escolar, que tem seu cardápio elaborado por um nutricionista. Também houve a redução do envio de medicamentos sem a prescrição médica. Assim, o projeto atingiu o seu objetivo, já que houve a transformação de atitude dos estudantes frente a sua saúde e, indiretamente, a de seus familiares, claramente percebido pelos relatos dos familiares e da equipe escolar.

O projeto foi amplamente aceito e elogiado, contando com a adesão dos docentes da Rede Municipal de Ensino que encontraram, no riquíssimo material encaminhado, um conteúdo multidisciplinar, criativo, que pôde ser trabalhado de maneira lúdica e que ainda contou com o apoio dos profissionais da Anvisa, de Brasília, que proporcionaram a todos partilhar experiências com docentes de unidades escolares do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros.



Texto elaborado por Leonice Terezinha de Paiva Vechiatol, professora da Rede Municipal de Votuporanga.

O EDUCANVISA EM JUIZ DE FORA

o olhar da Universidade

O Projeto Educanvisa instalou-se na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2007, depois de uma solicitação da Vigilância Sanitária Municipal, por parte da supervisora em Educação e Saúde, Simone Gatti Reis, e da Secretaria de Educação Municipal, representada por Vera Lemos.

A equipe traçou, então, o projeto tendo como objetivo inicial valorizar a construção ativa do conhecimento em saúde, a partir de contextos escolares interativos problematizadores, tendo a pesquisa como princípio educativo na abordagem das estratégias de ensino.

Trocando em miúdos, a proposta tinha como meta levar o conhecimento sobre o Uso Racional de Medicamentos, não só para os alunos do ensino fundamental, mas aos pais e amigos e às professoras em exercício nas escolas visitadas.

Foram cinco escolas eleitas pela Secretaria de Educação, situadas no mesmo eixo, ou seja, na Região Sanitária 6 (periferia).

Nossa equipe constituiu-se de acadêmicos dos cursos de Farmácia, Pedagogia e Comunicação, contando com a professora-coordenadora farmacêutica Maria da Penha Henriques do Amaral, do setor de medicamentos, com a co-orientação da professora farmacêutica Miriam Aparecida de Oliveira Pinto, do setor de alimentos e com o apoio constante da Vigilância Sanitária Municipal, na pessoa da odontóloga Simone Gatti Reis.

A primeira parte da metodologia foi a participação da universidade nas escolas de ensino fundamental, integrando acadêmicos e profissionais da saúde com os alunos e professores das unidades escolares selecionadas, propondo a reflexão sobre: o papel da vigilância sanitária na saúde escolar; os riscos do consumo de medicamentos sem a prescrição devida; e a influência das propagandas de “remédios”, veiculadas no rádio e na TV, que podem induzir ao uso de um produto com promessas enganosas.

Levamos também, além de propagandas de medicamentos transmitidas nas rádios, bulas de medicamentos

para serem estudadas junto com a equipe acadêmica, para o esclarecimento de termos técnicos, como: reações adversas; contraindicação; composição; e modo de uso, entre outros.

Percebemos o grande interesse das crianças pelo assunto. Isso estimulou a equipe a passar para a segunda fase do projeto, que previa a visita das escolas à Faculdade de Farmácia e Bioquímica para a apresentação da geografia social; partilhando a concepção da educação continuada e, também, analisando em conjunto as propagandas de “remédios” transmitidas na TV e a influência da mídia sobre os hábitos de consumo de medicamentos e de outros produtos para a saúde.

A Diretoria da Faculdade permitiu o uso do anfiteatro com toda infraestrutura de multimídia necessária para enriquecer as discussões e a troca de saberes em saúde. Além disso, houve o momento do passeio no campus onde os estudantes conheceram o Horto da Faculdade de Farmácia e Bioquímica, onde se cultivava 140 espécies distintas de plantas medicinais.

Muitas crianças identificaram, pelo aspecto da flor ou aroma das folhas, plantas que pais e avós utilizam como medicina alternativa, em casos de gripe ou problemas digestivos, por exemplo. Um aluno, ao se aproximar do canteiro de camomila disse: — Tia, minha mãe é muito nervosa, batia muito na gente, aí ensinaram ela a tomar chá de camomila. Desde então ela ficou mais calma.

O Projeto Educanvisa trouxe para a Faculdade de Farmácia não só momentos de alegria (até hoje os funcionários nos perguntam: — Quando a criançada vai voltar?), mas, também, abriu um novo campo para pesquisas qualitativas, gerando trabalhos de caráter científico para os acadêmicos participantes e para os professores, com apresentações em congressos nacionais e internacionais.

Publicamos um DVD didático, registrando todas as atividades realizadas, denominado: Educação & Saúde: uma parceria de sucesso nas escolas.

Texto elaborado por Maria da Penha Henriques do Amaral, professora-coordenadora farmacêutica, do setor de medicamentos, na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O EDUCANVISA EM SANTA CATARINA

a experiência da Vigilância Sanitária

Os medicamentos têm por finalidade aliviar sintomas, prevenir e até mesmo curar doenças. Todavia, o uso desses produtos traz embutido algum grau de risco (probabilidade de ocorrer efeito adverso), que precisa ser minimizado. Por isso, a Vigilância Sanitária tem importante papel em promover o Uso Racional de Medicamentos.

O Projeto Educanvisa, realizado pela Diretoria de Vigilância Sanitária (DVS) da Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina, em parceria com a GGPRO/Anvisa e o Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos (CFDD), do Ministério da Justiça, foi desenvolvido no segundo semestre do ano de 2007, em seis escolas de Educação Básica da Regional da Grande Florianópolis, no estado de Santa Catarina: EEB Ildefonso Linhares; EEB Jose Boiteux; EEB Venceslau Bueno; EEB Henrique Estefano Koerich; EEB São Miguel; e EEB Nereu Ramos.

A proposta teve por objetivo intervir nos riscos de agravo à saúde da população, lançando mão de estratégias e ações preventivas, com foco no Uso Racional de Medicamentos, nos perigos da automedicação e na influência da propaganda enganosa e abusiva de medicamentos e outros produtos para a saúde.

A primeira etapa do projeto previa a capacitação dos professores da rede estadual de ensino, que durante os trabalhos receberam *kits* com materiais educativos (pastas, estojos com lápis e caneta, camisetas e jogos) para distribuir aos alunos. Após o processo de formação, os educadores de cada escola desenvolveram o Planejamento Político-Pedagógico das Atividades, de acordo com a realidade locorregional, de forma construtivista, sob a supervisão dos técnicos da DVS/SC.

Aos alunos foi possível realizarem diversas atividades, consoantes ao espírito do projeto de educação. Dentre elas: análise de propaganda, de embalagem e da bula de medicamento; confecção de jogo pedagógico e história em quadrinhos; visita à unidade de saúde e à drogaria local; e dramatização e teatro de fantoches sobre os temas abordados. Os conteúdos sugeridos pelo projeto foram trabalhados como tema transversal em todas as disciplinas. Nas escolas participantes, houve a decisão

de extinguir todas as “farmacinhas” existentes, já que essa prática poderia estimular a automedicação. A repercussão do projeto foi tão positiva, que inúmeras escolas demonstraram grande interesse em participar dessas ações educativas, em Santa Catarina.

Em 2007, foi abrangido um universo de 2.400 alunos, 55 professores e 15 fiscais da Vigilância Sanitária.

A motivação e a adesão da comunidade escolar aos conteúdos apresentados naquele ano — os quais ultrapassaram os limites da sala de aula e dos livros didáticos — e, também, devido às mudanças comportamentais, relatadas pelos professores, como a redução da automedicação e a adoção de hábitos alimentares mais saudáveis pelas pessoas da comunidade escolar, o projeto, em 2008, foi ampliado. Ao todo, 5 mil alunos participaram das atividades do Educanvisa, naquele ano.

Na continuidade, em 2009, o Educanvisa estendeu-se a um número maior de escolas e, no segundo semestre, a programação da capacitação foi dirigida a professores e fiscais de Vigilância Sanitária, capilarizando a proposta para uma parcela maior da população da Grande Florianópolis e demais regionais do estado.

O projeto, na forma como tem se apresentado, demonstra a importância de desenvolver ações de promoção da saúde no contexto escolar, como um pilar para a construção de cidadãos mais conscientes, reflexivos e críticos, com autonomia para impor mudanças no modo de conduzir suas vidas, como está previsto no Pacto Pela Vida/Programa Mais Saúde/Cidadão Saudável do Ministério da Saúde.

O desenvolvimento de um novo modelo de Vigilância Sanitária com enfoque na prevenção e na promoção da saúde, mediante ações programáticas integradas às demais ações de saúde pública, vem despertando o interesse dos profissionais das vigilâncias sanitárias e dos educadores nas diversas regionais do Estado de Santa Catarina.

Texto elaborado por Rita de Cássia Nahas Claumann e Janete Ferreira Pinheiro, da Diretoria de Vigilância Sanitária da Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina.



***EDUCAÇÃO E SAÚDE:
a dose certa para
uma vida saudável***

Entre os meses de maio e julho de 2008, a então Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, Publicidade, Promoção e Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária (GPROP) promoveu a realização de cinco encontros - *Educação e Saúde: a dose certa para uma vida saudável*, com o objetivo de reunir professores e profissionais de vigilância sanitária das várias regiões brasileiras que participaram dos projetos educacionais da Anvisa: Contributo e Educانvisa. Quem esteve nesses encontros pôde compartilhar as experiências de aplicação dos projetos em suas escolas. Esses eventos possibilitaram que a equipe coordenadora do Educانvisa, composta por Alice Souza, Claudia Guimarães e Renata Assis, tivesse a oportunidade de avaliar os resultados alcançados com a experiência de introduzir temas de vigilância sanitária no ambiente de ensino, colocando na pauta das discussões assuntos que ainda não faziam parte dos currículos escolares, tais como: uso racional de medicamentos; automedicação; educação em saúde; vigilância sanitária; e propaganda de medicamentos.

Os encontros reuniram pessoas das cinco regiões do Brasil, de modo a promover a troca das práticas educacionais vivenciadas em cada localidade. Além do Distrito Federal, as ações educativas foram desenvolvidas em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe e Goiás. No Rio Grande do Sul, o projeto percorreu vários municípios do estado, por iniciativa de um grupo de multiplicadores gaúchos que apostaram na ideia.

Ao todo, os encontros contaram com a presença de 530 participantes, sendo 451 professores, 27 profissionais de vigilância sanitária, além de 33 representantes de secretarias municipais de Educação e de Saúde e 20 de universidades. "Tão gratificante quanto reunir este grupo, foi compartilhar a grande satisfação dos participantes ao perceberem a valorização do seu trabalho e poderem socializar suas realizações. Com certeza, uma oportunidade única de parabenizar os professores e profissionais por seu empenho e por acreditarem no potencial do projeto", comemorou Maria José Delgado Fagundes.

LOCALIDADES PARTICIPANTES DOS PROJETOS



A ARTE DE FAZER A ARTE: MOSTRA CULTURAL

Como proposta facilitadora, os projetos educacionais sugeriam aos professores a elaboração de atividades, jogos e brincadeiras sobre os temas. Os resultados foram exibidos na mostra cultural, que aconteceu paralela aos eventos. A mostra apresentou um rico conjunto de trabalhos e jogos desenvolvidos sobre os assuntos abordados: trilhas da saúde; jogos da memória; painéis e cartazes sobre medicamentos; bingo da Anvisa; dominó dos alimentos; quebra-cabeça; entre outros.

Todo o material exposto, incluindo vídeos e peças teatrais, demonstrou a dedicação e o engajamento de alunos, professores e da própria escola ao Educansa e surpreendeu a todos pela diversidade e criatividade das produções culturais e artísticas.



Algumas dessas ideias, como jogos e atividades elaboradas pelos alunos, foram selecionadas para serem reproduzidas e servirem de material de apoio à continuidade do projeto. O gibi *Conversando sobre Saúde*, publicado em 2008, foi elaborado com base nos textos e desenhos de alunos e professores que aderiram aos projetos de educação e saúde da Anvisa. Na categoria jogos educacionais, foram confeccionados o *Jogo da Memória* e a *Trilha da Saúde*, ambos criados por alunos e professores da Escola Classe da 708 Norte, localizada em Brasília, durante a execução do projeto-piloto nessa escola. Os jogos, hoje, fazem parte do *kit* de material de apoio reproduzido pela Agência, para ser distribuído durante as oficinas de capacitação.



ENCONTROS DE SABERES E PRÁTICAS EM 2008

1º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

O 1º Encontro de Educação e Saúde foi realizado em Brasília, nos dias 16 e 17 de maio, e reuniu 136 participantes. O ponto alto do evento foi a apresentação teatral dos alunos do Centro de Ensino Médio 3, do Gama, cidade satélite do Distrito Federal. O grupo de alunos encenou uma peça que propõe uma reflexão crítica sobre as propagandas de medicamentos. Esta mesma apresentação foi feita durante as reuniões de pais, na escola.



A influência da propaganda no consumo de medicamentos também esteve presente nos vídeos, que registraram as atividades dos alunos da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde o projeto Educavisa motivou uma parceria promissora entre as escolas, a Vigilância Sanitária Municipal e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), integrante do Projeto de Monitoração de Propaganda de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária, da Anvisa. A experiência mineira contou com palestras de profissionais de vigilância sanitária e professores da Universidade, no próprio espaço escolar, além de exposições de vídeos sobre o projeto acadêmico de monitoração e visitas ao horto de plantas medicinais da Faculdade de Farmácia da UFJF.

Com foco em outra temática, as professoras do CAIC Darcy Ribeiro, de Ilhéus, Bahia, exibiram o vídeo que registrou a apresentação de uma peça teatral à comunidade local, em que os alunos retratam o comportamento

popular diante de um sintoma comum de doença, as dificuldades de atendimento nos hospitais públicos e fazem um alerta sobre os riscos do uso indevido de medicamentos.

As coordenadoras do projeto na Escola 13 de Maio, da cidade de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, trouxeram como destaque a construção de um blog na internet. Nesse espaço virtual, são divulgadas tanto informações sobre saúde quanto as atividades do Educavisa naquele município. Mesmo sem contar com acesso à internet na escola, os alunos gravaram seus trabalhos em CD e a professora se encarregou de atualizar o blog, com as produções artísticas da meninada.

Para conferir, acesse: <http://emeftrezedemaio.spaces.live.com>

2º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Sediado também em Brasília, o 2º Encontro de Educação e Saúde ocorreu nos dias 18 e 19 de maio e reuniu 125 participantes. O que chamou a atenção do público foi o projeto Merenda Regionalizada, desenvolvido em todo o recôncavo baiano, que objetiva estimular a alimentação saudável com produtos regionais na merenda escolar. Como exemplo, as professoras da Escola Ernesto Dantas, da cidade de Santo Antônio de Jesus, apresentaram a todos o “Biju Colorido”, feito com farinha de mandioca e suco natural de frutas; um alimento barato, regional e nutritivo. Ao priorizar o respeito aos hábitos alimentares regionais e à vocação agrícola do município, o projeto atende ao Programa Nacional de Alimentação Escolar e à Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN). Com a aquisição da mandioca para a merenda escolar, dos produtores da cidade, o projeto incentiva, também, a economia local.

Um assunto crítico e recorrente nos relatos de vários estados representados no encontro (São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) foi a forte cultura da automedicação, até então presente entre os próprios docentes, que admitiram a necessidade de se conscientizar a respeito do uso correto de medicamentos antes de dar início às atividades do projeto em sala de aula. Atitude positiva que denota o quanto o conhecimento e a troca de saberes podem fazer a diferença quando o assunto perpassa a educação e a saúde.

Outro desafio superado por muitos professores foi a inclusão no mundo digital, já que o projeto Contributo contou com acompanhamento online das atividades e assim possibilitou o uso de computadores e o acesso à internet entre os participantes.

Em relação à mudança de atitude, o depoimento de uma professora da Escola Agostinho da Fonseca, de João Pessoa, Paraíba, chamou a atenção ao sinalizar que os professores notaram a redução da violência no ambiente escolar após a aplicação do projeto Educavisa na escola. Este é mais um sinal do potencial transformador deste projeto.

3º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Realizado em Porto Alegre, nos dias 30 e 31 de maio, o Encontro reuniu cerca de 80 participantes. Ponto comum em quase todas as falas foi o importante papel dos alunos como multiplicadores do conhecimento, seja como agentes da saúde, na hora do recreio e em casa, ou com as apresentações teatrais em outras turmas, no pátio da escola e até nos postos de saúde. Não faltaram exemplos de como as crianças orientaram seus pais e familiares sobre os cuidados no armazenamento e no uso correto de medicamentos. Mesmo as crianças da educação infantil passaram a entender sobre a importância da bula, por exemplo, e influenciaram positivamente suas famílias.

A partir dos relatos de experiências foi possível perceber a relevância das parcerias nesses processos educativos, sobretudo quando essas são motivadas e consolidadas por iniciativa da escola, das secretarias municipais/estaduais ou dos próprios professores. Nas cidades de São Luís de Montes Belos, em Goiás, e Florianópolis, capital catarinense, o trabalho em conjunto com as vigilâncias sanitárias locais foi uma prova efetiva do sucesso da aliança entre os setores da educação e da saúde.

Foram promovidas palestras com profissionais de saúde, visitas dos alunos às farmácias, postos de saúde e supermercados, além da realização de várias atividades escolares que enriqueceram ainda mais o aprendizado como, por exemplo, o Projeto Contação de Histórias, da Escola Nereu Ramos, em Florianópolis. Por meio da narrativa com fantoches, uma professora alertou para um incidente muito comum entre as crianças. Na história, que foi apresentada à plenária, uma menina curiosa resolve bisbilhotar o quarto dos pais e, por pouco, não confunde comprimidos com balinhas. Com a ajuda de uma técnica da Vigilância Sanitária, a menina aprende sobre os riscos e os cuidados com os medicamentos.



4º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Com a presença de 90 participantes, esse evento também foi realizado na capital gaúcha, Porto Alegre, nos dias 1º e 2 de junho. A percepção do aluno como sujeito do conhecimento foi bem enfatizada na exposição dos professores da Escola Classe 708 Norte, de Brasília, onde foi desenvolvido o projeto-piloto do Contributo, em 2006. Um dos momentos marcantes foi o depoimento exibido por um aluno especial dessa escola que mostrou o seu entendimento quanto às orientações e cuidados com os medicamentos.

Uma professora de Ribeira do Pombal, interior da Bahia, visivelmente emocionada, contou sobre o despertar de um aluno especial de sua classe, que demonstrou grande habilidade na elaboração de histórias em quadrinhos, uma das propostas de atividade do projeto. Disse a professora que esse talento do aluno facilitou a sua inclusão e aceitação na sala de aula. As experiências em turmas inclusivas reforçaram que as temáticas sobre saúde podem ser bem assimiladas pelas crianças, quando estas são estimuladas a serem construtoras do conhecimento.

Na cidade de Campo Limpo, São Paulo, segundo um professor, houve um aumento da procura da comunidade ao posto de saúde, atribuindo esse fato às recomendações de evitar a automedicação e buscar a orientação do médico, dentista ou farmacêutico. Os profissionais do posto de saúde local, percebendo a necessidade de informação da população, passaram a promover palestras na escola.

A questão do uso indiscriminado de medicamentos em centros de detenção para menores infratores foi levantada por uma professora de Porto Alegre. Segundo ela, a introdução do tema nesse tipo de instituição foi um desafio e, ao mesmo tempo, serviu de alerta sobre o uso abusivo de medicamentos em estabelecimentos correcionais. As possibilidades do Educavisa são inúmeras, a depender do comprometimento de quem o assume.

5º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

A capital gaúcha sediou, também, o último encontro do projeto por ser o local que concentrou o maior número de professores capacitados no projeto Contributo.

O evento aconteceu nos dias 4 e 5 de julho e reuniu 100 pessoas. De maneira diferenciada, os professores de Educação Física do Pará e de São Paulo demonstraram, na prática, como a temática da saúde pode ser tratada de maneira interdisciplinar. Eles propuseram, aos presentes, brincadeiras e alongamentos, demonstrando como a prática da atividade física pode contribuir para a manutenção da saúde de todos.

Também com grande disposição, a professora da Escola Agostinho Fonseca (João Pessoa, Paraíba) destacou o sucesso de sua campanha para combater os trotes telefônicos ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Ela contagiou a todos cantando as diversas paródias musicais sobre os temas da saúde, criadas em conjunto com alunos e professores da Escola Cantalice Leite, também localizada na capital paraibana.

A iniciativa foi tão bem sucedida que a Anvisa promoveu uma parceria entre as escolas, a Secretaria Municipal de Educação e a Universidade Federal da Paraíba, também integrante do Projeto de Monitoração de Propaganda da Anvisa, para viabilizar a gravação de um CD chamado "Cantigas de Saúde", com as paródias cantadas pelos próprios alunos. Hoje, o CD faz parte do conjunto de materiais educativos que são distribuídos aos professores participantes da segunda fase do Educanvisa, que está em execução. O Educanvisa se afirma como uma proposta plural, flexível e integradora; a caminho da sustentabilidade.



HOMENAGEM

Geni Maria Tochetto Magero

A Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Farroupilha, no Rio Grande do Sul, teve em seu comando uma mulher de personalidade marcante: Geni Maria Tochetto Magero. Como secretária da educação realizou um grande trabalho, tornando Farroupilha uma referência nacional no setor educacional.

A secretária foi integrante do grupo de multiplicadores do Projeto Contributo, da Anvisa, na rede de escolas municipais do Rio Grande do Sul e contribuiu de maneira expressiva para o sucesso dessa ação educativa na região. Sua determinação e empenho destacaram fortemente a participação de Farroupilha no projeto.

A equipe da Anvisa expressa sua imensa gratidão por todo apoio que Geni Magero dedicou às ações educativas e, principalmente, aos encontros de Educação e Saúde promovidos pela Anvisa, em Porto Alegre. A lembrança generosa de sua hospitalidade e a presença marcante de sua parceria são memórias especiais e gratificantes para toda a equipe.

Geni Magero faleceu em setembro de 2008, aos 56 anos, em Farroupilha, cidade em que veio morar em 1985, onde iniciou uma carreira brilhante e promissora na área da educação.

JOGO DOS SETE ERROS

A automedicação pode fazer mal à sua saúde



A automedicação pode fazer mal à sua saúde



EDUCANVISA NA PRÁTICA



ATIVIDADES EM SALA DE AULA



EDUCANVISA NA PRÁTICA



TROCA DE EXPERIÊNCIAS



DIAGRAMA

UMA REFERÊNCIA MUNDIAL

MÉDICO⁶ **SANITARISTA**¹¹, **CIDADÃO**⁷ comprometido com a vontade de tornar o Brasil um país mais justo. Nascido em 20 de agosto de 1941, em Ribeirão Preto, São Paulo, foi um dos líderes da reforma sanitária brasileira e um ativista pela criação de um sistema de **SAÚDE** coletivo e democrático no país, o Sistema Único de Saúde (SUS).

Presidiu a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, a primeira que conclamou a população para debater o **TEMA**⁴ da saúde. Os resultados da Conferência subsidiaram o texto da saúde na **CONSTITUIÇÃO**¹² Federal, em 1988.

Em todos os cargos e atividades que exerceu, buscou vincular-se às propostas de **DEMOCRATIZAÇÃO**¹⁴ da sociedade orientadas para a defesa do direito à saúde a todo **BRASILEIRO**¹⁰. Saúde não só como assistência médica com a qualidade necessária, mas também como uma série de condições para que a população não adoça — reforma agrária, **EDUCAÇÃO**⁸, lazer, **LIBERDADE**⁹, moradia e transporte, dentre outras.

Em janeiro de 2003 assumiu a Secretaria de **GESTÃO**⁶ Participativa do Ministério da Saúde e foi nomeado para a coordenação-geral da 12ª Conferência Nacional de Saúde e para ser o representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde (OMS). Naquele mesmo ano, no dia 2 de agosto, morreu aos 61 anos, na cidade do Rio de Janeiro.

Por toda a sua produção científica e a liderança conquistada na construção do **SUS**³, virou uma referência mundial.

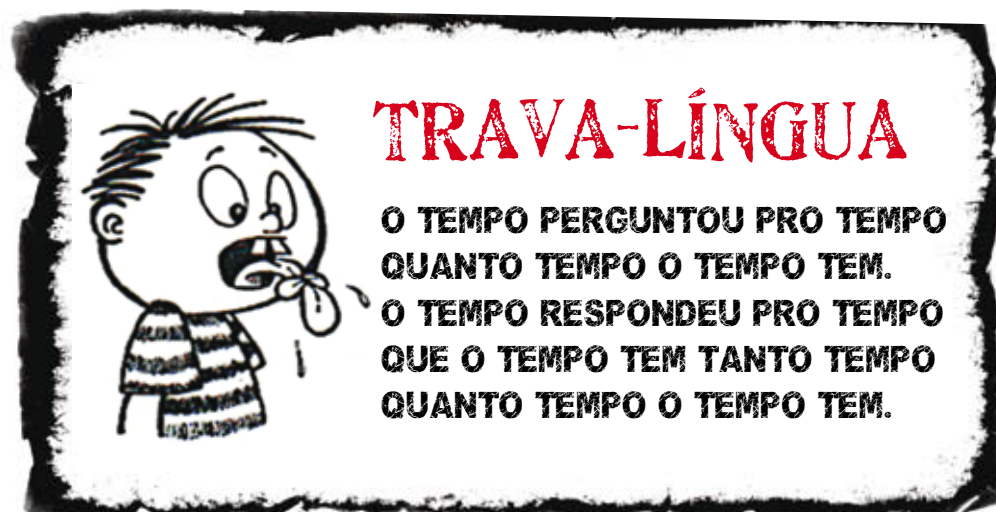
Descubra, preenchendo o diagrama abaixo, quem foi esse homem que colocou a reforma sanitária no centro da discussão da vida pública brasileira.



SAIBA MAIS:

http://bvsarouca.iciet.fiocruz.br/introducao_p.htm

<http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2008/sus.htm>



PIADA

No Curso de Medicina, o professor se dirige ao aluno e pergunta:

- Quantos rins nós temos?

- Quatro! - Responde o aluno.

- Quatro? - Replica o professor, arrogante, daqueles que sentem prazer em tripudiar sobre os erros dos alunos.

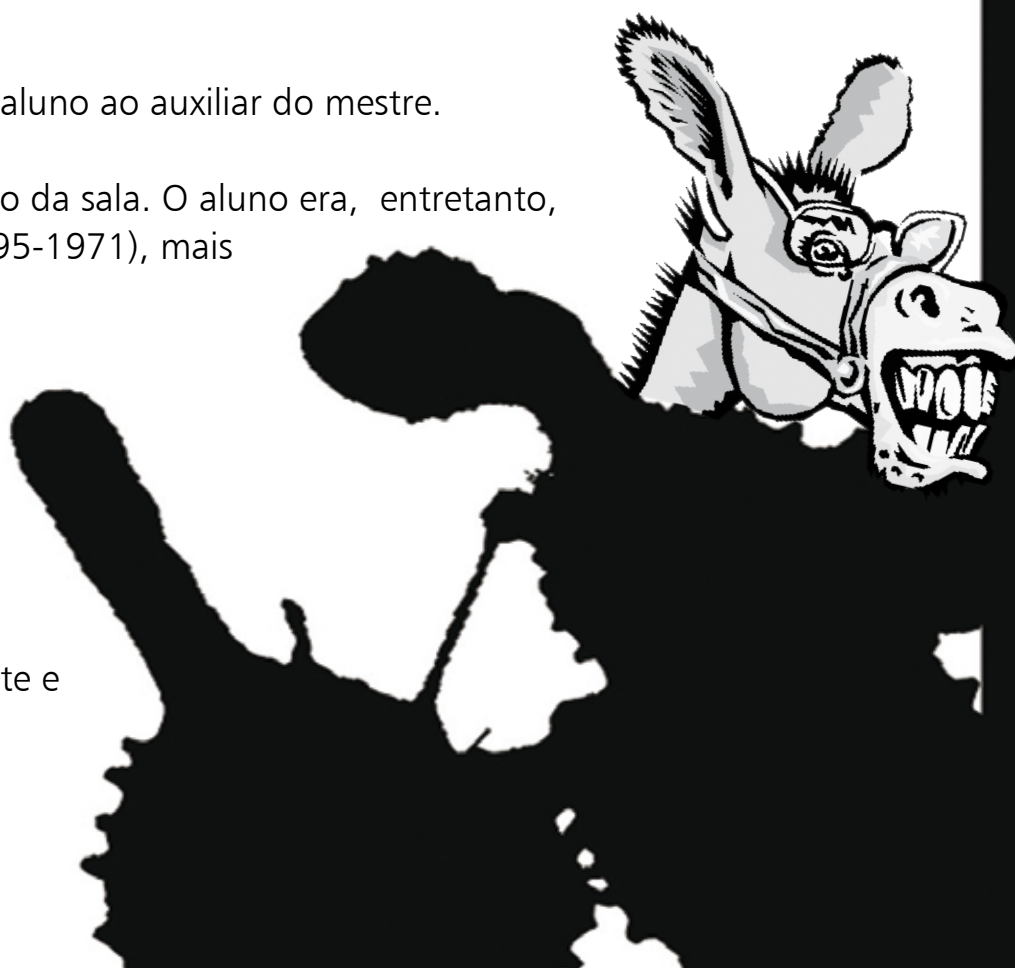
- Traga um feixe de capim, pois temos um asno na sala. - Ordena o professor a seu auxiliar.

- E para mim um cafezinho! - Replicou o aluno ao auxiliar do mestre.

O professor ficou irado e expulsou o aluno da sala. O aluno era, entretanto, o humorista Aparício Torelly Aporelly (1895-1971), mais conhecido como o 'Barão de Itararé'.

Ao sair da sala, o aluno ainda teve a audácia de corrigir o furioso mestre:

- O senhor me perguntou quantos rins 'nós temos'. 'Nós' temos quatro: dois meus e dois seus. 'Nós' é uma expressão usada para o plural. Tenha um bom apetite e delicie-se com o capim.



UMA CASA DE POESIA

Por Alexandra Rodrigues

Disseram-me que era uma Casa poeticamente construída, das fundações ao telhado. O convite para visitá-la foi trazido pela brisa que folheava as páginas dos livros nela gestados em tempos antigos. Tempos de vida simples de cidade goiana do interior onde a vida circula, há mais de 200 anos, pelas calçadas estreitas de pedra e mistério. Casas iluminadas de branco por um sol limpo que raia o contorno das nuvens, janelas pintadas de fortes azuis, verdes e marrons.

Tinham-me dito que essa Casa da antiga Vila Boa exalava o odor da doceira que pacientemente apurava a palavra em tacho de cobre. E que eu não precisaria procurá-la. Ela é que me chamaria, do outro lado da ponte, na esquina da manhã. E assim foi. Reconheci a Casa de longe, emoldurada de azuis antigos que envolviam as janelas do tempo. Fui chegando perto, dividida entre o desejo de adentrá-la e o receio de manchar de prosa o recanto da poetisa.

Vamos entrando – sussurrou a voz acolhedora da imagem feminina que se desprendia da cortina da entrada (uma espécie de sudário poético, despido de dores), levemente embalada pela brisa que corria dentro da casa. Na parede, o poema escrito por Cora no regresso à Casa da sua infância, após longos anos em São Paulo. É uma viúva que retorna à sua matriz, filhos criados, poesia engravada no ventre, em adiantado estado de gestação.

Não, eu não quero ser turista nessa Casa-museu, quero mesmo é penetrar o sentimento resguardado nas paredes desses cômodos simples, reler escritos antigos, de um tempo em que a mão e o papel se tocavam com o pudor de noivos. Um em particular, redigido com íntima caligrafia, mobiliza minha atenção. É um texto muito sentido, escrito pela poetisa em homenagem ao pai, pendurado junto à fotografia de um senhor de barba branca, majestosamente sentado em um cadeirão. E morto. (Era costume fotografar o patriarca falecido, coisa de uma época em que a morte não tinha tanta pressa de deixar a casa da vida).



No quarto de Cora Coralina, peço licença para pisar o chão do tempo. Meu olhar se encontra com os vestidos velhinhos, discretamente pendurados em cabides, perto da cama, que dorme tranquilamente na solidez da madeira. Que vontade de abraçar aquelas roupas simples que resguardaram uma solidão companheira, que sentiram as forças poéticas brotarem à superfície da pele e escorrerem até aquelas mãos fortes! Mãos que aprenderam a datilografar aos setenta anos para poderem registrar os poemas que haveriam de partir de Goiás até as mãos de Drummond e do mundo.

Chegamos à cozinha, de janela aberta para os verdes fortes da serra. Eu queria mesmo era sentar-me longamente diante do fogão a lenha, perto da mulher que mexia a panela dos doces para apurar a calda da poesia. Exalar os odores que se desprendiam da lenha que queimava na alma daquela doceira da palavra. E aquecer-me com as achas desse fogo.

No porão da casa, o encontro com as memórias de Maria Grampinho, a quem Cora abrigava todas as noites para dormir. Mulher andarilha que percorria as ruas, recolhendo vestígios e sobras de uma cidade. A enorme sacola de Maria Grampinho – assim chamada por causa dos grampos que enfeitavam a parca vaidade de seus cabelos – dorme agora na eternidade da casa, assinalando uma época em que moradora de rua tinha acolhimento certo em casa de poetisa, para repousar das andanças do dia.

Quase saindo da Casa, sou enfeitada por um prato redondo, repleto de cacos de pratos antigos. Os cacos descansam sobre o aparador, conversando com uma época. Relembra um costume da infância de Cora, quando as crianças eram castigadas, tendo que usar um colar feito de cacos do prato que haviam quebrado — experiência que ela viveu na pele e imortalizou em poema.

Recolho singelos fragmentos da Casa de Cora Coralina, que agora ostento com vaidade no colar da memória. E despeço-me docemente dessa Casa de Poesia, eternizada na alma do Tempo.

ALEXANDRA RODRIGUES, escritora portuguesa, que está em Brasília há 24 anos, é psicóloga e professora na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Alexandra foi a vencedora do Concurso Cora Coralina, realizado no primeiro semestre de 2009, com a crônica *Uma Casa de Poesia*. O *Nome das coisas*, *poesia*, e *Minha avó botou um ovo*, *crônicas*, são os dois livros publicados pela escritora, pela editora Thesaurus.

ASSIM EU VEJO A VIDA

Cora Coralina

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.



Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, 20/08/1889 — 10/04/1985, é a grande poetisa do Estado de Goiás. Produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas da Cidade de Goiás (GO). Em 1980, Carlos Drummond de Andrade, após ler alguns escritos da autora, manda-lhe uma carta elogiando seu trabalho, a qual, ao ser divulgada, desperta o interesse do público leitor e a faz ficar conhecida em todo o Brasil. (Fonte: http://www.releituras.com/coracoralina_vida.asp)

UM REVOLUCIONÁRIO DA EDUCAÇÃO

O mais célebre educador brasileiro, Paulo Freire, por seu empenho em ensinar os mais pobres, tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África. Pelo mesmo motivo, sofreu a perseguição do regime militar no Brasil (1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio.

O educador apresentou uma síntese inovadora das mais importantes correntes do pensamento filosófico de sua época, como o existencialismo cristão, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. Essa visão foi aliada ao talento como escritor que o ajudou a conquistar um amplo público de pedagogos, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos.

A partir de suas primeiras experiências no Rio Grande do Norte, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias, Paulo Freire desenvolveu um método inovador de alfabetização, adotado primeiramente em Pernambuco. Seu projeto educacional estava vinculado ao nacionalismo desenvolvimentista do governo João Goulart.

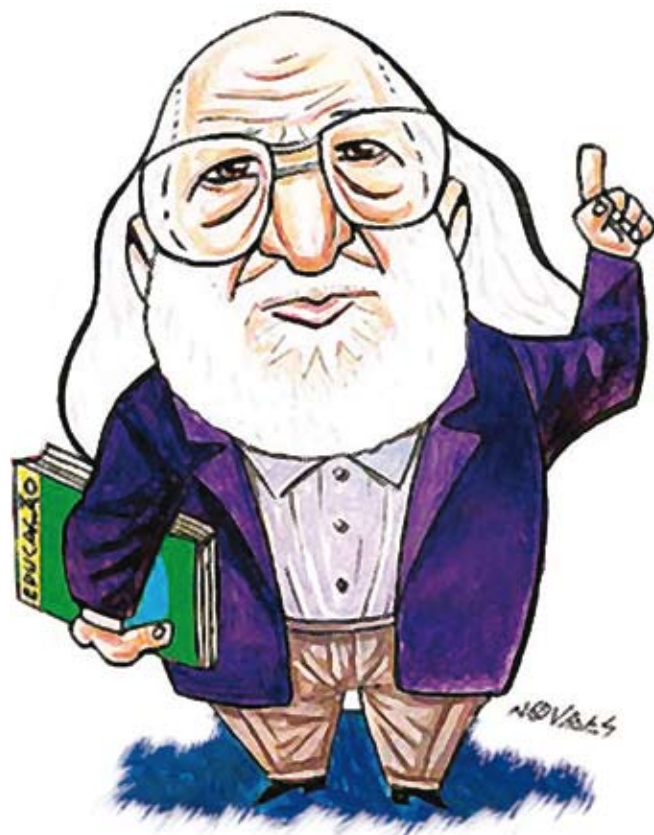
A carreira no Brasil foi interrompida pelo golpe militar de 31 de março de 1964. Acusado de subversão, ele passou 72 dias na prisão e, em seguida, partiu para o exílio. No Chile, trabalhou por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Nesse período, escreveu o seu principal livro: *Pedagogia do Oprimido* (1968).

Em 1969, lecionou na Universidade de Harvard (Estados Unidos) e, na década de 70, foi consultor do Conselho Mundial das Igrejas (CMI), em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano, que viviam na época um processo de independência.

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil, onde escreveu dois livros tidos como fundamentais em sua obra: *Pedagogia da Esperança* (1992) e *À Sombra desta Mangueira* (1995). Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, foi secretário de Educação no Município de São Paulo, sob a prefeitura de Luíza Erundina.

Freire teve cinco filhos com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira. Após a morte de sua primeira mulher, casou-se com uma ex-aluna, Ana Maria Araújo Freire. Com ela viveu até morrer, vítima de infarto, em São Paulo.

Doutor *honoris causa* por 27 universidades, Freire recebeu prêmios como: Educação para a Paz (das Nações Unidas, 1986) e Educador dos Continentes (da Organização dos Estados Americanos, 1992).



“O conhecimento não pode advir de um ato de “doação” que o educador faz ao educando, mas sim, um processo que se realiza no contato do homem com o mundo vivenciado, o qual não é estático, mas dinâmico e em transformação contínua”.

NA VOZ DO MESTRE



Fonte: http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/paulo_freire.htm

A entrevista a seguir é a transcrição, na íntegra, de uma gravação realizada em São Paulo, no Instituto Paulo Freire, para a série Projeto Político-Pedagógico da Escola. Foi apresentada no programa Salto para o Futuro, da TV Escola do Ministério da Educação, no período de 20 a 30 de abril de 1997. A série teve a consultoria de Moacyr Gadotti e contou com a mediação de Gaudêncio Frigotto.

SALTO – Paulo Freire, para começar essa entrevista, gostaríamos que você comentasse um pouco sobre esse livro que você acabou de lançar, que trata da questão da autonomia.

PAULO FREIRE – Esse é o mais recente livrinho que eu acabo de lançar e que se chama: *Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa*. Quer dizer este livro, ou neste livro, a minha preocupação, ou uma das preocupações fundamentais, foi deixar claro que, de acordo com uma perspectiva democrática, com uma opção democrática em que eu me situo, é impossível viver a prática educativa sem perseguir, sem trabalhar no sentido da autonomia do ser, do educando e do educador. Quer dizer, no fundo, esse livro poderia também se chamar Formação Docente, poderia também se chamar Pedagogia da Liberdade, por exemplo. Eu discuto, nesse livro, alguns saberes que eu considero indispensáveis a um educador, a uma educadora, cuja opção seja uma opção de liberdade. Como, por exemplo: mudar o mundo. Mudar é difícil, mas é possível. No fundo, esse livro é um apelo que eu faço a mim mesmo como educador, no sentido de um trabalho coerente com uma postura democrática, uma opção formadora, uma opção ética no esforço de, inclusive, ajudar um pouco a formação e o desenvolvimento de uma mentalidade democrática entre nós. O que me interessa fortemente neste livro não

é dar receitas, mas é propor desafios, é discutir aspectos que eu considero necessários e permanentemente presentes na prática docente, que eu chamei de saberes fundamentais.

Eu vou dar alguns exemplos desses saberes que eu discuto nesse livro, num parêntese: em primeiro lugar, eu gostaria até de dizer da grande satisfação que eu tenho de não me inibir, por exemplo, de sugerir a leitura desse livro, porque ele foi lançado numa série nova que a editora Paz e Terra criou e que se chama: Leitura. E o preço desse livro, ou desta série, me deixou livre para dizer que “comprem o livro”, quer dizer, o livro tem um preço bem acessível. De maneira que, então, eu não me sinto tão livre de sugerir a leitura da *Pedagogia da Esperança*, de *Cartas a Cristina* e outros livros que eu recentemente escrevi, precisamente por causa do preço, mas esse é um livro muito barato. Um dos saberes, por exemplo, que eu discuto nesse livro é o seguinte: mudar é difícil, mas é possível. Eu confesso a vocês que me veem e que me ouvem, no momento, que se eu não estivesse convencido de que mudar é difícil, mas, mesmo difícil, mudar é possível, eu não seria professor. Quer dizer, quando eu saio de casa nas terças-feiras de tarde e vou à Universidade Católica de São Paulo, para participar de um debate, de um seminário com estudantes de pós-graduação, e faço isso com a mesma gostosura com que eu fazia quando eu tinha 25 anos, e hoje eu tenho 76 anos. Quando eu vou para a PUC, toda terça-feira, discutir, por exemplo, a ideologia da imobilização que nos cobre hoje, pelo mundo todo, com o neoliberalismo. Essa ideologia do fatalismo, de que mudar não é possível, de que a realidade é essa mesma, quando eu vou para a PUC discutir, eu vou precisamente porque eu estou convencido de que mudar é difícil, mas é possível.

"[...] saber escutar é não apenas a expressão de uma sabedoria democrática, mas é também uma arte, quer dizer, é preciso que eu vá me constituindo na audição de quem fala."

Outro saber que eu discuto nesse livro e que eu acho fundamental na perspectiva democrática é, por exemplo, saber escutar. Como é que pode uma pessoa ser um professor, ou uma professora se, por exemplo, entende que o tempo de sua fala é o tempo total e absoluto? Como que vai dizer que não há mais tempo, se o que escuta a sua fala não tem tempo de fala?

Porque o tempo da fala de quem escuta se esgota na audição de quem fala. Quer dizer, essa propriedade do tempo, essa possibilidade do tempo para falar é uma possibilidade autoritária, é antidemocrático. Significa que um professor, ou uma professora, que sonha o sonho democrático, o sonho da formação, o sonho da autonomia de si e do educando, não pode se apoderar do tempo para falar. Então, saber escutar é não apenas a expressão de uma sabedoria democrática, mas é também uma arte, quer dizer, é preciso que eu vá me constituindo na audição de quem fala. O que vale dizer: é preciso que eu limite o meu tempo de fala para que quem me escuta tenha o direito de falar também. E é na medida em que eu aprendo a escutar quem me ouve, que eu falo com ele ou com ela. Na medida em que eu não aprenda a escutar quem me ouve, eu falo apenas a quem me ouve e não com quem me ouve. E falar apenas a quem (me ouve) é uma espécie de falar sobre, é um falar de cima para baixo, que termina por inibir o direito de quem escuta de falar.

Ora, e falar; falar é a forma nossa de estar sendo no mundo. Quer dizer, falar está associado a fazer porque, inclusive, historicamente, homens e mulheres inventaram a linguagem para dar nome às coisas que fizeram, ou às coisas que faziam. Quer dizer, eu falo e dou nome quando falo ao mundo que eu transformo. Então, o respeito à fala do outro implica saber escutar o outro e não posso ser um educador democrático se eu não escuto o outro. Ainda do ponto de vista do saber ou do aprender a escutar, há uma importância fundamental no saber escutar diferente. Como é que pode uma professora que se pensa democrática não dar ouvido à fala do diferente? Quer dizer, você discrimina o diferente só porque ele é diferente de você. Então, aprender a escutar o diferente, a cultura diferente, aprender a valorizar o diferente de nós é absolutamente fundamental para o exercício da autonomia. Quer dizer, a professora que fecha seus ouvidos à dor, à indecisão, à angústia, à curiosidade do diferente é a professora que mata no diferente a possibilidade de ser. Então, esse é um outro saber de que eu falo no livro.

Para mim, o que é interessante também é o seguinte: é que, quando eu falo em autonomia do ser, no caso eu poderia falar na autonomia da escola, não estou de maneira nenhuma pretendendo, como eu disse antes, o "isolacionismo" do ser. Por exemplo, pensar na escola com autonomia não é pensar na escola licenciada, quer dizer na escola que, enquanto ela mesma fosse dona de sua verdade, sem nenhuma preocupação com as

outras escolas de cujo sistema ela e as escolas A, B ou C fazem parte. A autonomia, a minha autonomia será tão mais autêntica quanto mais eu a reconheça em relação dialógica com a tua autonomia. Quer dizer, a minha autonomia deixa de ser autêntica na medida em ela seja absorvente da autonomia dos outros. Quer dizer, eu só sou se você puder ser, se eu obstaculizo a possibilidade sua de ser, ou de estar sendo, eu também não sou, e a nossa autonomia vai para o escanteio. Quer dizer, a nossa autonomia some e é esmagada. Então, no fundo, o espírito do livro é esse.

Eu queria, para terminar essa primeira pergunta que você me fez, dizer o seguinte: para mim, um dos equívocos das escolas tem sido o de sugerir, ou insinuar, ou até dizer explicitamente ao educando que a compreensão de um texto deve ser procurada pelo leitor, mas por isso mesmo, por ser procurada pelo leitor, é que a compreensão do texto é criação de quem escreve o texto. O que eu quero dizer é que não é isso, não pode ser, o leitor é também produtor da compreensão do texto que lê. Então, eu gostaria de pedir a quem possa, ou queira ler esse livro amanhã, que não desista de ler porque não entendeu na primeira página uma palavra. Se não entendeu, consulte o dicionário. Quer dizer, dicionário foi inventado para nos ajudar, para ensinar a ler e escrever, o dicionário não é um instrumento de burro como se diz... Dicionário é tão instrumento de quem escreve e lê como a pá de pedreiro é instrumento fundamental para fazer essa parede. Então, a minha sugestão é: não desistam de ler o livro como coisa difícil, antes de trabalhar o exercício da compreensão do texto que não é só problema meu, mas problema de quem lê.

SALTO - O que é a escola cidadã?

PAULO FREIRE - Olha, a escola cidadã, no meu entender, é aquela que se assume enquanto um centro, um centro de direitos e um centro de deveres, a formação que se dá dentro do espaço e do tempo que caracterizam a escola cidadã é uma formação para a cidadania. Quer dizer, a escola cidadã é, então, a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Porque a escola cidadã não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesmo, também, em que ela briga pela cidadania, pelo exercício e pela fabricação da cidadania de quem vem para ela, de quem usa o seu espaço. Por exemplo, seria um absurdo que se pensasse na existência de uma escola em que um professor perguntasse ao aluno rebelde se o aluno sabe com quem está falando.

Você veja, seria uma contradição enorme que uma escola, se pensando uma escola cidadã, coagisse, veja bem, eu digo coagisse, e não disse limitar-se, mas eu digo restringisse a liberdade do educando em lugar de sugerir ao educando que a sua liberdade precisa ser limitada para poder ser. Então a escola cidadã é uma escola coerente com a liberdade, é coerente com o seu discurso formador, com o seu discurso libertador, em outras palavras, a escola cidadã é aquela que, brigando para ser ela mesma, viabiliza ou luta para que os educandos e educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a escola cidadã é uma escola de comunidade. É uma escola de companheirismo, é uma escola de produção comum do saber e da liberdade. Mas é uma escola que não pode ser jamais licenciada, nem jamais autoritária. Quer dizer, é uma escola que vive a experiência tensa da democracia que, em outras palavras, implica a experiência tensa, contraditória, permanente entre autoridade e liberdade.

Uma escola cidadã seria a seguinte: é a escola que procura plenamente viver a sua autonomia de ser. Só é escola cidadã na medida em que, optando pelo exercício da cidadania, briga para constituir-se num espaço/tempo formador de cidadania.

"Tudo o que a gente puder fazer, no sentido de abrir mais a escola, no sentido de provocar, pedir, desafiar estudantes, merendeiras, zeladores, vigias, diretores de escola, coordenadores pedagógicos, pais, médicos, dentistas, alunos, vizinhos da escola, tudo o que a gente puder fazer para convocar os que vivem em torno da escola e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós, que é o de assumir esse país democraticamente, que é o de ter voz, o de ganhar voz e não apenas o de falar, não apenas o de dar bom-dia. Ora, o conselho de escola é um dos momentos, é um dos meios de que a gente pode se servir, se é que eu posso usar esse verbo, nessa luta pela democratização da escola e pela democratização do ensino no Brasil."

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco, uma das regiões mais pobres do país, onde logo cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Morreu em São Paulo, capital, no dia 2 de maio de 1997.

"Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro..."

(RUBEM ALVES)

Ilustração: Camila Medeiros



CAÇA-PALAVRAS

A ANTIGA ARTE DO MEDICAR

A origem da palavra **FARMÁCIA** vem do grego *pharmakón* que, na Grécia Antiga, designava substância capaz de provocar transformações, para o bem e para o mal. Podia ser remédio ou veneno, dependendo da dose tomada.

Das ervas dos curandeiros, dos chazinhos da vovó, até os produtos da **CIÊNCIA** de nossos dias, os **MEDICAMENTOS** não param de nos surpreender. Antigamente, remédios milagrosos para acabar com todos os males num piscar de olhos eram oferecidos pelos mascates — vendedores **AMBULANTES** — em suas carroças.

Hoje, esse papel é desempenhado pela **MÍDIA**, que entra pelos olhos e ouvidos, com mensagens irresistíveis: aquela artista famosa, sorridente, atribui sua beleza ao produto tal. Aquele senhor de aspecto tão confiável afirma que está em forma graças a umas gotinhas milagrosas. Daí a passar a se medicar com esses produtos vai um pequeno passo.

Os medicamentos são essenciais quando receitados e usados adequadamente para diagnosticar, prevenir ou curar doenças. Utilizados de maneira incorreta, ou consumidos sem orientação de um **MÉDICO** ou de um **DENTISTA**, podem causar efeitos **INDESEJÁVEIS** e oferecer sérios riscos à **SAÚDE**.

Mas a saúde é mais do que ausência de doenças. A **EDUCAÇÃO**, a paz, a moradia, a **ALIMENTAÇÃO**, a renda, o **MEIO AMBIENTE** e a justiça social são alguns dos fatores capazes de garantir a melhoria das condições de vida e saúde das pessoas.

Texto extraído da cartilha: *A informação é o melhor remédio – o que vale a pena saber sobre a propaganda e o uso de medicamentos*. p. 2-3. GGPRO/Anvisa. 2008. Brasília-DF



A	C	O	P	K	L	E	V	B	I	J	S	O	M	N	H	C
F	L	N	R	J	M	K	S	Z	U	Y	T	C	Q	G	K	I
M	A	I	W	Ú	I	F	A	R	M	Á	C	I	A	K	O	Ê
E	F	Ú	M	S	T	Ã	Ú	V	H	P	R	D	U	D	A	N
I	X	E	N	E	A	P	D	L	Ç	Ú	D	É	H	Q	U	C
O	A	M	D	F	N	Ú	E	I	N	H	O	M	E	P	R	I
A	L	E	I	Q	A	T	D	M	H	A	R	M	J	Ó	I	A
M	I	D	T	S	L	O	A	E	A	G	L	E	B	M	W	O
B	C	I	P	E	I	M	D	E	N	T	I	S	T	A	E	P
I	B	C	R	T	M	O	P	O	Ã	D	É	C	T	I	E	E
E	Y	A	E	N	E	G	O	M	E	O	P	A	I	D	Í	M
N	W	M	T	A	N	I	R	F	S	R	U	O	U	Ç	F	T
T	A	E	U	L	T	R	D	E	J	S	M	C	Q	T	E	U
E	O	N	Ã	U	A	R	I	I	I	O	A	G	U	O	P	H
E	T	T	E	B	Ç	A	L	T	L	Ç	A	L	A	Z	E	R
M	E	O	S	M	Ã	C	O	P	Ã	P	S	K	U	G	O	E
T	R	S	I	A	O	N	U	O	O	U	O	A	I	L	R	K
T	A	E	U	L	T	R	D	E	J	S	M	C	Q	T	E	U
K	U	G	O	E	H	A	N	C	H	R	K	U	G	O	E	L
A	I	L	R	K	B	E	C	H	L	I	N	I	L	R	K	B
C	Q	I	N	D	E	S	E	J	Á	V	E	I	S	E	U	R

QUADRINHOS

Por Caco Xavier



O ESPAÇO É RELATIVO, MAS O TEMPO É ABSOLUTO!

Qual é a distância entre um livro bom e um livro ruim? Pode ser de apenas meio metro na estante da livraria ou da biblioteca, dependendo da inicial do autor. Mas pode ser de muitos séculos no curso do tempo. A estante que vale é a estante do Tempo. O Tempo é o melhor leitor!

DEFINIÇÕES INDEFINIDAS

O destino grego é um deus necessário. O destino judaico é um arbítrio, nem sempre livre. O destino cristão é completamente escatológico, fora da vida presente. E há ainda o destino de cada um, do senso-incomum, destino particular que nos justifica das coisas más e faz de uma pequena coincidência casual um plano inteligente e universal. Entre o destino e o acaso: um bigode de gato!



Caco Xavier é filósofo e antropólogo. Durante muitos anos, atuou como jornalista na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e como quadrinista e cartunista no mercado editorial brasileiro. (Fonte: www.releituras.com/quadrinhoquadrado.asp).

PROPAGANDA:

A CONQUISTA DA ATENÇÃO

Sempre que folheamos um jornal ou uma revista, ligamos a TV, olhamos para os cartazes nas ruas e prédios, ou navegamos pela internet estamos diante de algum tipo de propaganda. Ela está presente em nosso cotidiano, sempre nos rodeando, em todos os momentos e em todos os lugares, captando os olhares e os ouvidos de homens, mulheres, jovens e crianças. Mas, ao contrário do que muitos pensam, os apelos publicitários não se limitam apenas ao discurso comercial, eles também podem influenciar a subjetividade do homem moderno, promovendo profundas alterações em seu modo de ver, pensar e se comportar no dia a dia.

Historicamente, a propaganda sempre esteve presente na vida das pessoas. No entanto, a sua verdadeira expansão só aconteceu no final do século 19, com o advento da produção em massa; quando se fez necessário direcionar esforços de comunicação para públicos cada vez mais diversificados, estimulando o crescimento do mercado e da concorrência. Com ela, tornou-se possível aos fabricantes vender seus produtos de forma mais veloz e com redução do custo, tendo em vista que, ao colocar anúncios em jornais, por exemplo, eles alcançavam muito mais pessoas de uma só vez, diminuindo os gastos com viajantes comerciais.

Por meio do rádio, do cinema, da televisão, dos jornais, e de qualquer outro meio de comunicação de massa, conseguiu-se ampliar o alcance e uniformizar o conteúdo das mensagens comerciais, além de promover uma mudança de comportamento marcante no consumidor: as pessoas começam a consumir valores, ou seja, ao comprar determinada marca, acredita-se que aquele produto fornecerá poder ou status – associação, geralmente, promovida pela propaganda – e não por ser, de fato, necessário. O que se passa a desejar é a imagem de valor agregada ao bem ou serviço, e não a sua utilidade real.

É nesse ponto que a propaganda procura seduzir o consumidor, mexer com os seus desejos e as suas aspirações, criando e exibindo um mundo perfeito

e ideal, com promessas de felicidade, prazer, satisfação, apresentando o produto como solução para todos os problemas. As necessidades são criadas para atender à crescente produção e à elaboração cada vez mais diversificada dos bens de consumo.

Por meio das mensagens publicitárias busca-se estabelecer uma relação de identidade entre o público-alvo e os produtos anunciados, mediante a criação de um universo imaginário, um “estilo de vida”. O discurso adotado dirige-se ao consumidor de forma singularizada, remetendo à ideia de que o produto foi feito especialmente para ele. Desta forma, as necessidades perdem os seus atributos genéricos, universais, manifestando-se sempre de forma singularizada.

É fato que a propaganda adquire importância fundamental no processo econômico, por ser capaz de “mover o mercado”, de impulsionar as pessoas a consumirem os frutos da industrialização, de movimentar a economia. Ela também pode auxiliar o mercado a conhecer melhor as alternativas de consumo, gerar a concorrência de preços e, com isso, provocar exigências de qualidade. Graças a ela, são emitidas diferentes opiniões sobre um determinado produto, permitindo ao consumidor o confronto que precede à seleção do que é melhor comprar, para atender a uma determinada necessidade, naquele momento.

Pela posição que ocupa no cenário atual, é preciso transformar a propaganda em objeto de análise e reflexão, ensinando crianças e jovens a “lerem” criticamente as mensagens publicitárias.

Informar sobre a intencionalidade puramente comercial dos anúncios veiculados nos mais diversos meios de comunicação e, também, esclarecer quanto às estratégias que as empresas lançam mão para vender os seus produtos, é responsabilidade de todos aqueles empenhados na formação de cidadãos conscientes do seu papel como consumidores participativos, autônomos e críticos.

NA PONTA DA LÍNGUA

LÚDICO

Vem do latim ludus, que significa jogo, divertimento: o aspecto lúdico da aprendizagem.

TAUTOLOGIA

É o termo usado para definir um dos vícios de linguagem. Consiste na repetição de uma ideia, de maneira viciada, com palavras diferentes, mas com o mesmo sentido. O exemplo clássico é o "subir para cima" ou o "descer para baixo". Confira outros: elo de ligação; acabamento final; certeza absoluta; quantia exata; há anos atrás; todos foram unânimes; possivelmente poderá ocorrer; e anexo junto à carta; dentre outras expressões.

SANEANTES DOMISSANITÁRIOS

São substâncias ou preparações destinadas à desinfecção, higienização ou desinfestação domiciliar, em lugares de uso comum e no tratamento de água. Abrangem os produtos para limpeza doméstica (detergentes, alvejantes, limpadores, ceras, entre outros); aqueles com ação antimicrobiana (desodorizantes, desinfetantes, esterilizantes químicos); os inseticidas, raticidas e repelentes de insetos; os produtos de tratamento de água da piscina e água para o consumo humano; e os produtos biológicos usados para degradar matéria orgânica e reduzir odores (das tubulações sanitárias, por exemplo).

CEGANTE

Adjetivo. 1 que cega. Figurativo: 2 que ofusca ou fascina, deslumbrante.

HONORIS CAUSA

Do latim 'para honra'. Diz-se dos títulos universitários conferidos sem exame ou concurso, a título de doutor: honoris causa.

O JOGO DA CARTA DA VIDA

O livro *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, letras e palavras* surgiu de um convite de professoras do MST, em 2001, para que Carlos Rodrigues Brandão (*leia a entrevista com o autor na página 8*) contasse a vida de Paulo Freire para a comunidade de trabalhadores rurais sem-terra, especialmente para as crianças e jovens, chamadas de “sem terrinha”. A obra descreve passo a passo o método de alfabetização de Freire. Inspirado pela metodologia freiriana, o autor segue a linha da criatividade e do lúdico e propõe um jogo com palavras – o **JOGO DA CARTA DA VIDA**.

A proposta desse jogo é estimular entre as pessoas a cooperação mútua, o diálogo, a escuta e o respeito à opinião do outro. Por meio de um exercício de pensamentos e palavras, as pessoas podem deixar fluir o seu talento criador, ao tempo que participam ativamente da formulação de um documento de cidadania, que promove a integração, a partilha de ideias e de percepções, fazendo circular a troca de saberes e de vivências.

A Carta da Vida é democrática, aberta e pode ser comungada com todos. Crianças, jovens ou adultos, daqui e dali, podem “entrar” na carta e sugerir outros artigos, ou princípios, trazendo novas propostas, novos olhares que permitam renovar e recriar a história de pessoas, comunidades e povos.

Por sugestão do próprio autor, esse jogo poderá ser adaptado para a realidade da vigilância sanitária com o nome **Jogo da Vida e Saúde**. A ideia agradou a equipe da GGPRO.



O JOGO DA CARTA DA VIDA

Por Carlos Rodrigues Brandão

Trabalhando primeiro “cada um na sua” e, depois, “todos em equipe” e “todos juntos”, os jogadores-criadores deverão escrever uma carta dirigida a todas as pessoas do mundo. Esta carta deve ter pelo menos dez artigos ou princípios. Pode começar direto com o 1º artigo, ou pode ter uma introdução.

A proposta é escrever uma carta que diga como a TERRA, e tudo o que nela existe de vivo e de bom, pode ser protegida dos perigos que estão ameaçando a VIDA DA TERRA e também a VIDA NA TERRA, inclusive as nossas vidas e a nossa saúde. Sugere-se pensar em uma carta muito simples e boa de se ler, que proponha, em dez artigos, como a nossa TERRA poderia ser reverdecida e repovoada de VIDA de novo. E, assim, como a nossa própria qualidade de vida poderia melhorar muito. Nessa mensagem, o jogador deve tentar pensar e escrever como tudo o que é vivo e compartilha conosco de um mesmo MUNDO DA VIDA deveria ser cuidado, para garantir o seu direito de ser protegido e preservado. E como nós, os seres humanos, deveríamos aprender a conviver em paz e em harmonia entre nós e com tudo o que existe de vivo no planeta. Enfim, o que deveria ser feito para criarmos, juntos, um MUNDO DA VIDA fecundo, seguro, harmonioso e feliz.

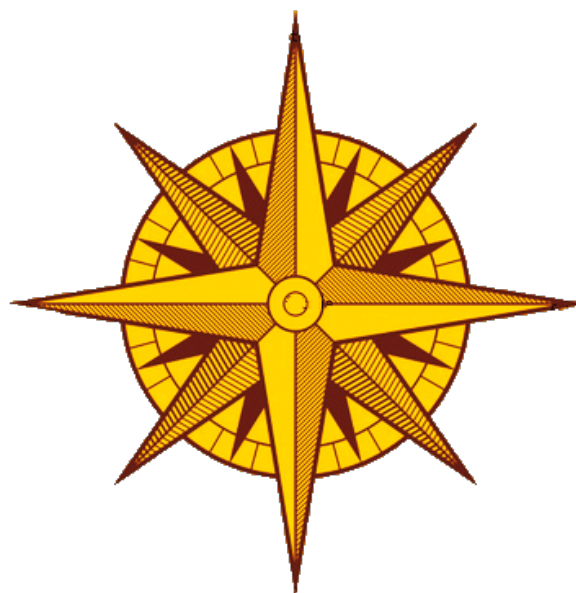
A proposta de uma CARTA DA VIDA deve indicar, também, como as pessoas poderiam se unir para acabar com as guerras, com a fome e com tudo o que nos impede de sermos mais livres, mais solidários, mais amorosos e também mais justos. Uma CARTA DA VIDA que convide as pessoas pequenas e grandes de nossa casa, de nossa rua, de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso país e de todo o mundo a se unirem para aprender a viver de uma maneira mais solidária, criativa e harmoniosamente sustentável.

O JOGO DA CARTA DA VIDA divide-se em três partes: *começa assim, continua assim, termina assim*.

Então: **COMEÇA ASSIM...**

Inicia-se com “cada um na sua”. Cada participante deve ter em mãos uma folha de papel. Deverá ser desenhada, no centro da folha, uma figura como a Rosa dos Ventos, das mais simples. Duas linhas que se cruzam em duas cruces quadradas cruzadas, formando os quatro pontos cardeais e os quatro colaterais, que estarão apontando para oito direções.

A Rosa dos Ventos deverá ser desenhada de um jeito que dê para escrever uma palavra na ponta de cada uma das linhas, em cada direção.



O começo do JOGO DA CARTA DA VIDA é em silêncio e “cada um na sua”. Os participantes devem imaginar oito palavras indispensáveis para escreverem os artigos que comporão a CARTA DA VIDA. Não é preciso pensar muito a fundo. Basta deixar acontecer, imaginar e permitir que algumas palavras apareçam na lembrança ou no pensamento de cada um. Por exemplo, para escrever sobre a Terra (a nossa nave e casa comum) e sobre como nós devemos nos preocupar para cuidar dela com zelo e carinho, poderão ser lembradas as seguintes palavras:

TERRA—CASA—UNIVERSO—ÚNICA—CUIDADO—CARINHO—VIDA—PERIGO

Assim, cada participante, ao final da primeira parte do “começa assim...”, terá oito palavras escritas nas pontas de sua Rosa dos Ventos. Na sequência, ainda em silêncio, e “cada um na sua”, cada participante deverá elaborar uma frase-artigo para escrever na sua CARTA DA VIDA. Ele deverá empregar agora todas as oito palavras escolhidas que, junto com outras (como verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, artigos, conjunções e preposições), formarão uma frase-artigo. Deverá ser uma frase simples, uma recomendação ou mesmo um apelo dirigido a todas as pessoas do mundo. Tem que ser escrita ocupando todas as oito palavras escolhidas. Confira o exemplo a seguir.

CARTA DA VIDA

Artigo primeiro -

*Em todo o **universo**, por enquanto, a **Terra** é a nossa **única casa**. Vivemos nela e só contamos com ela para viver. Por causa do que os homens têm feito com ela, a Terra está em **perigo**. Devemos aprender a mudar a nossa maneira de lidar com a nossa casa, o Planeta*

*Terra. Devemos aprender a cuidar dela com **carinho**. Devemos fazer assim, em nome da **vida** e em nosso nome também. Devemos aprender a tratar a Terra com o **cuidado** que ela merece, pois tudo o que temos vem dela.*

Para elaborar a frase, como dá para perceber no exemplo, foi necessário utilizar outras palavras, principalmente os verbos, para dar sentido ao texto, ocupando as oito palavras escolhidas pelo participante. Todas as oito palavras geradoras estão no primeiro artigo. Algumas aparecem mais de uma vez, como a palavra **casa**. Quando cada pessoa da turma de jogadores-criadores conseguir escrever as suas oito palavras e formar a sua frase-artigo, termina a primeira parte do JOGO DA CARTA DA VIDA em silêncio e com “cada um na sua”.

E, então, começa a segunda parte. E ela se chama: **CONTINUA ASSIM...**

Nesta fase o jogo-de-criar-uma-carta-para-as-pessoas-do-mundo-inteiro vai ser continuado em equipe. Se for um grupo pequeno, com até oito participantes, quem está participando pode formar uma equipe só. Se for uma turma maior, com cerca de 20 pessoas, podem ser formados quatro grupos com cinco participantes em cada um. As equipes podem ficar em volta de uma mesa ou mesmo sentadas no chão.

Essa parte do jogo começa quando cada um lê para os outros as suas oito palavras. Todos os jogadores-participantes devem ler as suas palavras, até chegar ao último da equipe.

A partir daí, começa um trabalho de diálogo mais criativo, e também o mais difícil. Pois, agora, começará a troca de ideias sobre as palavras escolhidas, o que significa que será preciso chegar a um ponto de “comum acordo”. De todas as palavras escolhidas pelos participantes da equipe, deverão ficar apenas 16 palavras, as quais deverão ser escritas em cada uma das pontas de uma nova Rosa dos Ventos, sendo: $8 + 8 = 16$ direções. Tanto faz serem quatro, cinco, sete ou oito pessoas; pois sempre a equipe deverá manter apenas 16 palavras.

Essa é a hora de se aprender a dialogar, de saber ouvir o outro. De aprender a dar a todos da equipe, e a cada pessoa, o seu tempo de ouvir, de falar e de dizer o que pensa. O participante apresentará as suas palavras e defenderá a permanência de cada uma delas na “lista final da equipe”, na tentativa de, respeitosa e abertamente, procurar convencer os outros do “valor das minhas palavras e ideias”, sem tentar impor, no entanto, a sua vontade. Os demais deverão escutar com atenção, aprendendo a “se colocar do ponto de vista de uma outra pessoa”; de pensar com ela, e como ela, por um momento. Aprender a reconhecer que, de vez em quando, alguém poderá ter uma ideia melhor que a sua.

Esse momento termina quando cada equipe tiver conseguido desenhar a Rosa dos Ventos com 16 pontas e com 16 palavras, dentre as que foram escritas antes nas rosas dos ventos de cada participante da equipe.

A outra parte, da segunda etapa do trabalho em equipe, começa quando cada participante lê para o grupo a sua frase-artigo escrita na folha de papel, no primeiro tempo da atividade “cada um na sua”. Se houver alguma dúvida, a pessoa pode perguntar a quem acabou de ler. Ao final da leitura de todas as frases começa uma parte um pouco mais difícil, porém ainda mais desafiadora e criativa.

A equipe deverá pensar em conjunto a CARTA DA VIDA, a ser dialogada, criada e escrita por todos os participantes. Poderá acontecer que cada um queira ver a sua frase dentro da CARTA DA VIDA. Pode ser que todos se empenhem bastante em convencer os demais que a sua frase é a melhor, ou que ela é indispensável. Mas este pode não ser o melhor caminho. Pois, se cada participante tentar apenas convencer os outros, cada um vai ficar preocupado em “impor as suas ideias”, sem se preocupar em ouvir as outras propostas e, assim, buscar um ponto em comum, entre as ideias de todos (ou quase) e a de cada um. O perigo aí é acontecer que cada um queira “ficar na sua”, sem “se abrir aos outros”. Então, provavelmente, a equipe não vai conseguir chegar a lugar algum. É assim no jogo, e é assim na vida, quando, em vez do diálogo recíproco e da cooperação, reina o monólogo individualista e a competição. Assim, esse belo jogo-de-cooperação poderá virar um “joguinho” comum de competição, tal como já existem tantos por aí.

Neste sentido, sugerimos que se comece essa parte de nosso jogo com uma boa conversa sobre: “como é a CARTA DA VIDA que nós queremos escrever juntos?” Ou, então: “qual a melhor ordem dos artigos, para ela ficar bem bonita, boa de ser lida e bem fácil de ser compreendida por outras pessoas, de crianças a adultos?” Quando isto estiver esclarecido e pactuado entre todos, pode-se iniciar a escolha das frases que serão os “princípios” da CARTA DA VIDA.

Eis, então, o desafio que vale para o jogo e vale para toda a vida. As frases que a equipe considerar que estão boas, do mesmo jeito como já foram escritas antes, podem ir compondo a Carta na ordem: artigo primeiro, artigo segundo, artigo nono... Ou, se o grupo achar melhor: primeiro princípio, segundo princípio e assim por diante.

Depois, o trabalho seguinte será o de resgatar as frases que não foram consideradas — e que ainda estão fora de cena — e tentar melhorar a sua redação, o seu sentido. Será possível, também, avaliar duas ou três frases semelhantes e editar, transformando-as numa

só frase, bem elaborada, objetiva e agradável de ler. E, assim, ela se transformará em um novo artigo da CARTA DA VIDA.

Nenhuma frase anterior deve ficar de fora. E é para esse momento que as 16 palavras da Rosa dos Ventos da equipe poderão servir. A escolha de algumas das palavras escritas ali poderão completar, melhorar ou aperfeiçoar as frases elaboradas em conjunto, até estarem “no ponto” de compor a carta.

“Nada como um bom diálogo, quando se cria alguma coisa e se trabalha em equipe, que é a melhor maneira de se fazer alguma coisa na vida.”

Assim, passo a passo, palavra a palavra, conversa a conversa, quando a equipe conseguir escrever as suas dez frases-artigos, ou frases-princípios, da CARTA DA VIDA, ela estará quase pronta e o jogo prestes a acabar.

TERMINA ASSIM...

A CARTA DA VIDA escrita e pronta. O jogo poderá terminar de duas “maneiras mais ligeiras” ou de uma “maneira mais lenta”.

PRIMEIRA MANEIRA MAIS LIGEIRA — Se houve a formação de um só grupo de pessoas, no momento em que a Rosa dos Ventos da equipe estiver pronta e a CARTA DA VIDA também estiver formulada — escrita com a participação de todos e de cada um — a equipe poderá começar a ilustrar a sua carta com desenhos originais ou com recortes de revistas.

SEGUNDA MANEIRA MAIS LIGEIRA — Se forem duas, três ou mais equipes, elas deverão reunir-se em um círculo maior. Um relator, de antemão escolhido em cada equipe, deverá ler para todos os participantes do círculo as 16 palavras, e também a CARTA DA VIDA criada e escrita coletivamente pelo seu grupo. Se forem quatro equipes de cinco pessoas, quando todas tiverem

acabado a leitura de seus trabalhos para as outras, deverá haver uma conversa final a respeito.

O JOGO DA CARTA DA VIDA poderá parar por aí. Se for o caso, tanto as cartas quanto as rosas dos ventos, escritas e ilustradas, poderão ser expostas nas paredes de uma sala de estudos ou em qualquer outro espaço coletivo.

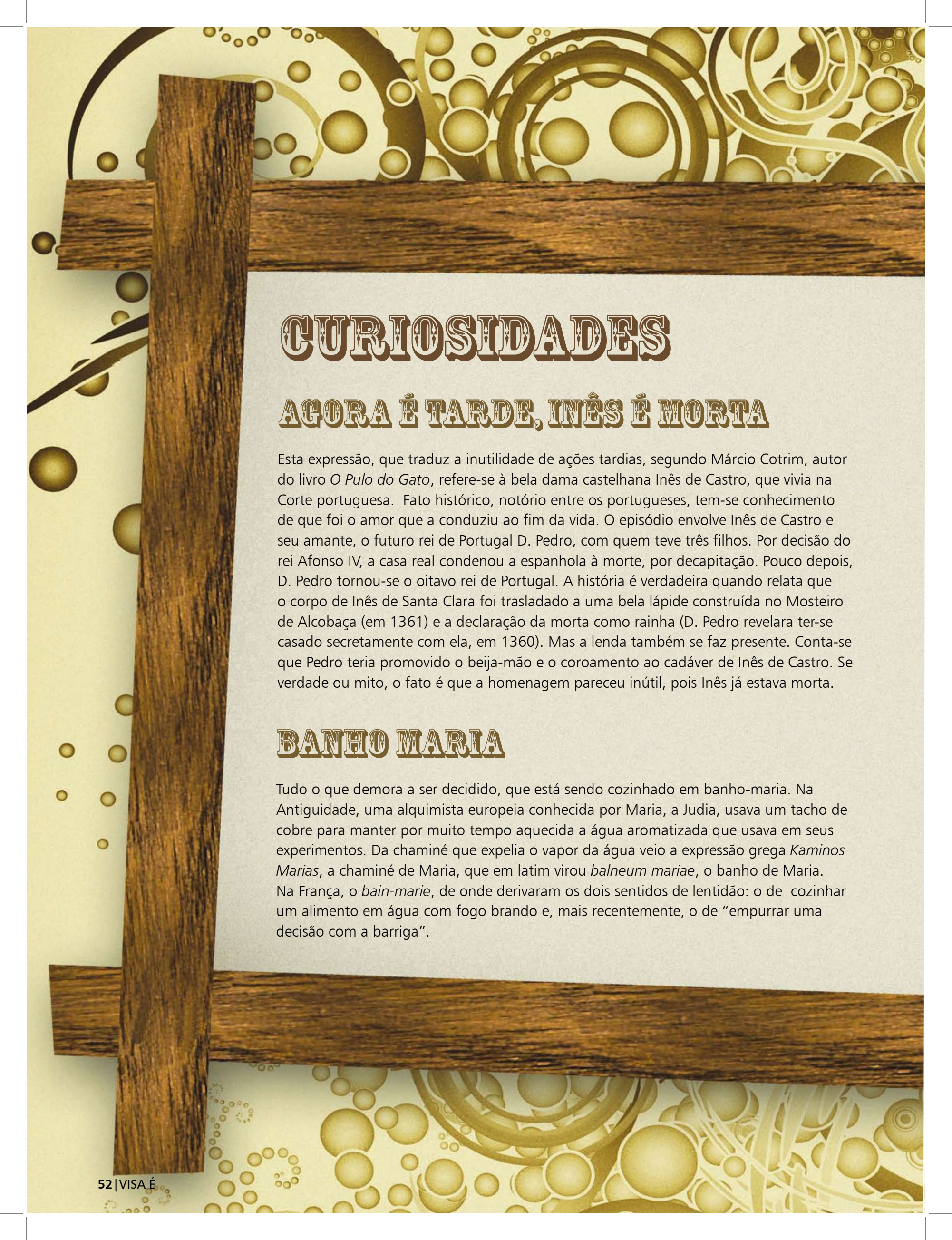
MANEIRA MAIS LENTA (E MAIS COMPLETA) — Esta forma de terminar o jogo só poderá acontecer se houver bastante tempo disponível. O JOGO DA CARTA DA VIDA poderá durar um dia inteiro ou até mais. Por que não?

No caso de haver mais de uma equipe, a “maneira mais lenta” poderá realizar-se assim: cada pessoa escolhida pelos outros de sua equipe lê para as outras pessoas as suas 16 palavras e a sua CARTA DA VIDA, igual a “segunda maneira mais ligeira”. Mas com uma diferença. O grupo de “todo mundo reunido” trocará ideias e “negociará sentidos” para escrever uma CARTA DA VIDA de toda a turma. Se forem quatro equipes, e cada uma apresentou uma carta com dez princípios ou artigos, eles serão inicialmente 40 artigos reunidos. Alguns poderão ser bem parecidos entre si.

Então, pode ser o caso de as pessoas participantes da equipe-de-todas-as-equipes decidirem qual é a proposta, dentre as que vieram de todas as equipes, que está mais apropriada. Qual a que está mais compreensível, mais clara, melhor redigida e mais “dentro do assunto” daquele artigo. Será uma boa oportunidade de se reaprender a ouvir e a querer compreender o ponto de vista dos outros. A hora de aprender a argumentar sem se impor. A cooperar, em lugar de competir. A dialogar com e entre todas e todos para chegar, juntos, a uma escolha comum para cada artigo ou princípio da carta.

A exemplo do que acontece em várias outras “cartas para a humanidade” e em outros “manifestos em favor disto ou daquilo”, a CARTA DA VIDA poderá ter mais de dez artigos ou dez princípios. Assim, poderá ficar a critério de cada grupo e da equipe-final decidir quantos e como serão ordenados os artigos-princípios da carta.





CURIOSIDADES

AGORA É TARDE, INÊS É MORTA

Esta expressão, que traduz a inutilidade de ações tardias, segundo Márcio Cotrim, autor do livro *O Pulo do Gato*, refere-se à bela dama castelhana Inês de Castro, que vivia na Corte portuguesa. Fato histórico, notório entre os portugueses, tem-se conhecimento de que foi o amor que a conduziu ao fim da vida. O episódio envolve Inês de Castro e seu amante, o futuro rei de Portugal D. Pedro, com quem teve três filhos. Por decisão do rei Afonso IV, a casa real condenou a espanhola à morte, por decapitação. Pouco depois, D. Pedro tornou-se o oitavo rei de Portugal. A história é verdadeira quando relata que o corpo de Inês de Santa Clara foi trasladado a uma bela lápide construída no Mosteiro de Alcobaça (em 1361) e a declaração da morta como rainha (D. Pedro revelara ter-se casado secretamente com ela, em 1360). Mas a lenda também se faz presente. Conta-se que Pedro teria promovido o beija-mão e o coroamento ao cadáver de Inês de Castro. Se verdade ou mito, o fato é que a homenagem pareceu inútil, pois Inês já estava morta.

BANHO MARIA

Tudo o que demora a ser decidido, que está sendo cozinhado em banho-maria. Na Antiguidade, uma alquimista europeia conhecida por Maria, a Judia, usava um tacho de cobre para manter por muito tempo aquecida a água aromatizada que usava em seus experimentos. Da chaminé que expelia o vapor da água veio a expressão grega *Kaminos Marias*, a chaminé de Maria, que em latim virou *balneum mariae*, o banho de Maria. Na França, o *bain-marie*, de onde derivaram os dois sentidos de lentidão: o de cozinhar um alimento em água com fogo brando e, mais recentemente, o de “empurrar uma decisão com a barriga”.

I.N.R.I

Sigla da locução latina *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus) inscrição que se acredita ter sido colocada no alto da cruz em que Jesus Cristo foi crucificado.

EMINÊNCIA PARDA

Eminência é o pronome de tratamento dispensado aos cardeais. Na França, durante o reinado de Luís XIII (1610-1643), quem mandava, de fato, era o seu conselheiro o Cardeal Richelieu. Vestido com o tradicional hábito púrpura era conhecido como *Eminence Rouge* (Eminência Vermelha). Seu secretário, um capuchinho com o nome de Frei José, tornou-se conselheiro e confidente do cardeal, exercendo forte influência sobre ele. Isso fez de Frei José uma das pessoas mais poderosas da França, apesar de não possuir cargo oficial. Pela importância que tinha e pelo hábito cinzento que vestia, passou a ser conhecido como *Eminence Grise* (Eminência Cinzenta, parda, no francês). Na política, a expressão é o modo pejorativo de se referir aos que trabalham à sombra do chefe e influem nas decisões que ele toma. Muitos governos têm a sua Eminência Parda, facilmente identificadas pelo povo.

TRAVA-LÍNGUAS

Jogos verbais com palavras são maneiras divertidas de se relacionar com o idioma e também ferramentas de trabalho importantes para fonoaudiólogos, professores, atores, locutores e outros profissionais que trabalham com a voz.

FONTES

O Pulo do Gato, Márcio Cotrim. • HISTORIANET. www.historianet.com.br, Antony C. Bezerra. • Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. • http://www.oguaira.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1794 • Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – Guia Prático.



COMUNICAÇÃO EM SAÚDE

As ações de comunicação em saúde são direcionadas a todos os envolvidos com a disseminação de informações nesta área e à própria sociedade. O objetivo é esclarecer comunicadores, educadores, acadêmicos, agentes de saúde e demais profissionais sobre as orientações relacionadas ao uso racional de medicamentos, à regulamentação da propaganda e à influência da publicidade no consumo de produtos sujeitos à vigilância sanitária. A GGPRO já realizou diversas ações de comunicação em saúde, com destaque para a campanha **A informação é o melhor remédio**; o projeto **Nas ondas do rádio**; e o lançamento do livro **Vendendo Saúde: a história da propaganda de medicamentos no Brasil**.

A INFORMAÇÃO É O MELHOR REMÉDIO

A campanha "A informação é o melhor remédio" é uma parceria entre a Anvisa e o Departamento de Assistência Farmacêutica do Ministério da Saúde (DAF/MS). Foi lançada em setembro de 2008 e destinou-se às unidades do Programa Farmácia Popular do Brasil, aos agentes de saúde, profissionais de vigilância sanitária, professores, técnicos dos órgãos de defesa do consumidor e demais parceiros envolvidos em processos de educação e saúde voltados para a população.

As peças publicitárias foram produzidas pela organização não governamental Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip), sob a coordenação da equipe multidisciplinar da GGPRO.

O kit da campanha é formado por cinco vídeos, cinco spots para rádio, cinco cartazes, uma cartilha e uma publicação com textos de apoio. Em linguagem objetiva e esclarecedora assuntos como os riscos da automedicação, cuidados com os medicamentos e a influência da propaganda no consumo de produtos sujeitos à vigilância sanitária, são abordados de maneira leve e divertida.



ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: FIQUE ESPERTO



Destinada especialmente ao público infantil, a cartilha trata de divulgar, de forma criativa e bem-humorada, os benefícios de uma alimentação saudável. O material explica alguns conceitos importantes sobre os alimentos e seu valor nutricional, as mudanças ocorridas na alimentação ao longo do tempo e o seu impacto na saúde, os riscos da utilização em excesso de alimentos industrializados e a influência da propaganda nos hábitos alimentares da população.

NAS ONDAS DO RÁDIO



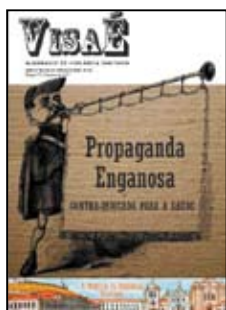
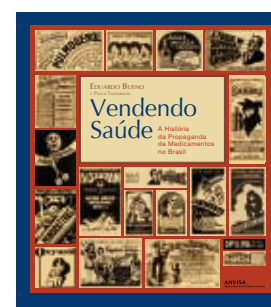
Guia de orientações e dicas para comunicadores de rádio sobre a propaganda de medicamentos lançado em abril de 2008, pela Anvisa, reconhecendo o importante papel do radialista no processo de comunicação com seus ouvintes.

O conteúdo trata de esclarecer as dúvidas mais comuns dos profissionais do setor de radiodifusão sobre a legislação e a publicidade de medicamentos, procurando sensibilizar os radialistas sobre os riscos da automedicação e da influência publicitária no consumo de medicamentos.

A proposta de divulgação do guia envolveu a realização de seminários sobre a promoção da saúde por meio do rádio, em parceria com associações e entidades do setor de radiodifusão.

VENDENDO SAÚDE – A HISTÓRIA DA PROPAGANDA DE MEDICAMENTOS NO BRASIL

Uma viagem literária que narra como a propaganda de medicamentos, a partir o século 19, determinou os hábitos brasileiros de consumo destes produtos até os dias de hoje. O livro mostra como e por que o Brasil alcançou a posição de figurar entre os dez maiores mercados de produtos farmacêuticos, no mundo. Tudo contado de forma envolvente, de modo a levar o leitor da primeira à última página do livro, sem que se dê conta do tempo.



ALMANAQUE VISA É

A primeira edição do Almanaque VISA É adota uma linha histórica. Recupera, no tempo, a trajetória da Vigilância Sanitária no Brasil e os 198 anos da propaganda brasileira, cujo enfoque é a influência da propaganda de medicamentos nos hábitos de consumo dos brasileiros. Com criatividade, combina humor, conhecimento e informação, na tentativa de provocar mudanças que contribuam para a qualidade de vida da população.

BIOÉTICA E VIGILÂNCIA SANITÁRIA

O livro Bioética e Vigilância Sanitária trata-se de uma seleção de produções científicas elaboradas por técnicos da Anvisa e alunos de especialização da Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília (UnB). Tem por objetivo contribuir na divulgação da temática bioética no Brasil, sob o enfoque da vigilância sanitária. Volnei Garrafa, Dirceu Raposo de Mello e Dora Porto são os organizadores da publicação. A segunda parte do livro é voltada especificamente para a Bioética, Propaganda e Publicidade de Medicamentos e Vigilância Sanitária, com textos do ex-diretor da Anvisa, Franklin Rubinstein, e da Gerente da GGPRO, Maria José Delgado Fagundes.



É permitida a reprodução total ou parcial dos materiais desde que citada a fonte e utilizando corretamente a aplicação das logomarcas da Anvisa e Governo Federal (para isso, solicite informações pelo e-mail: ggpro@anvisa.gov.br). Todas as publicações podem ser visualizadas na página eletrônica da Anvisa: www.anvisa.gov.br/propaganda/publicacoes.htm.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE

MATERIAIS PEDAGÓGICOS E DE INCENTIVO

Para dar suporte aos projetos educacionais foram elaborados cadernos didáticos com informações básicas para os professores e cadernos com atividades para sala de aula, sugeridas pelas próprias

VIGILÂNCIA SANITÁRIA E ESCOLA – PARCEIROS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Manual elaborado para os participantes do Projeto Educavisa, publicada em duas versões: uma destinada aos professores e a outra aos profissionais de vigilância sanitária. Apresenta as temáticas do projeto — Saúde e Educação, Vigilância Sanitária, Uso Racional de Medicamentos, Alimentação Saudável, Propaganda e Consumo — de forma mais aprofundada, funcionando com um referencial teórico para a construção das atividades em sala de aula e na comunidade.



SEIS COISAS PRA VOCÊ SABER ANTES DE SE MEDICAR

Folder com dicas e orientações pontuais sobre medicamentos, embalagens, intoxicações e sobre propaganda de medicamentos. Além de dicas, o folder também apresenta telefones úteis para a comunidade.

JOGO DA MEMÓRIA

Aplicável ao ambiente escolar e comunitário, o jogo auxilia no aprendizado sobre o mundo dos medicamentos e da saúde. Cada cartão exibe uma mensagem informativa ou uma dica importante sobre os temas. Uma oportunidade para aprender brincando, enquanto os participantes exercitam sua capacidade de memorizar. O jogo faz parte do kit entregue aos professores participantes dos projetos de educação e saúde desenvolvidos pela Anvisa.



JOGO TRILHA DA SAÚDE



Propõe o desenvolvimento de uma dinâmica com os alunos do ensino fundamental e médio. O jogo testa o conhecimento dos participantes com 80 perguntas e 18 atitudes relacionadas aos conceitos fundamentais de saúde. São abordados temas como: alimentação; adoção de hábitos saudáveis; uso correto de medicamentos, riscos da automedicação e cuidados com os medicamentos.

O jogo é um instrumento lúdico de aprendizagem e serve como ferramenta aos professores participantes dos projetos educacionais Contributo e Educavisa.



Conjunto de materiais que atenderam aos projetos Educação e Promoção da Saúde no Contexto Escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o Uso Racional de Medicamentos e o Educanvisa (primeira fase), desenvolvidos em 2007. Todos com edição esgotada.



GIBI - CONVERSANDO SOBRE SAÚDE

Histórias em quadrinhos, baseadas nos trabalhos de professores e alunos participantes do Projeto Contributo, ensinam ao público infanto-juvenil quais são as condições para assegurar a saúde. As histórias do gibi são intercaladas por atividades didáticas e mostram como o consumo de medicamentos, sem orientação, pode ter implicações na saúde das pessoas.

À PROCURA DA SENHORA S

Uma turma de crianças protagoniza o enredo desse livro e percorre um longo caminho para se informar sobre o que é a saúde. A história mistura mistério e aprendizado, tendo, por eixo central, o consumo correto de medicamentos. A publicação deste livro foi destinada aos alunos da primeira fase do projeto Educavisa. Edição esgotada.



CADERNOS DE APOIO

Caderno do Professor - O caderno tem por objetivo auxiliar o professor na compreensão de temas e conceitos próprios da vigilância sanitária, para que possam ser trabalhados em sala de aula, com seus alunos. Acompanha um CD para o professor.

Caderno do Atividades - Este caderno é formado por textos, exercícios variados e propostas de criação e pesquisa que motivam o aluno a interagir, contextualizar e vivenciar os conteúdos de temas específicos da vigilância sanitária.

CARTILHA USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE PROPAGANDA

De caráter mais técnico, serve como texto de apoio e pesquisa a técnicos e professores que participaram do projeto de educação no contexto escolar.



RECEITAS

SUCO DE LIMÃO COM ROSAS



INGREDIENTES:

Água (filtrada ou mineral)
4 limões
70 ml de xarope de rosas
Gelo picado
Pétalas de rosa
Açúcar a gosto

MODO DE PREPARO:

Faça uma limonada com o suco dos quatro limões e a água. Coloque açúcar a gosto. Acrescente 70 ml de xarope de rosas. Misture e decore com gelo picado e pétalas de rosas. Rende 1 litro de suco.

Fonte: <http://culinaria.powerminas.com/category/comidas-indianas>

CHÁ INDIANO – MASALA CHAI

INGREDIENTES:

2 copos médios de água mineral
1 colher de sopa de mel (ou açúcar, se preferir)
2 paus de canela tamanho médio
3 cravos da Índia
1 pedaço pequeno de gengibre
1/2 xícara de chá de leite
1 colher (chá) de chá preto
3 sementes ou 1/2 colher cheia de (café) de cardamomo

MODO DE PREPARO:

Aqueça a água. Triture o cardamomo, lave e rale o gengibre. Ponha o cardamomo, o gengibre e a canela na panela com um pouquinho de água e ligue o fogo. Mexer, até que a canela abra e o gengibre solte o caldo. Adicione a água quente. Ferva em fogo baixo, por cinco minutos. Adicione o leite. Deixe por um minuto (sem ferver). Desligue o fogo e ponha o chá preto. Tampe e deixe descansar por um minuto. Coe com a peneira. Adoce com o mel. Se preferir, pode coar novamente, usando coador de papel (de café). Sirva e desfrute. Esta receita rende uma porção.



Fonte: <http://pt.petitchef.com/tags/receitas/chai-indiano>

LINHA DO TEMPO DA PROPAGANDA DE

1900-1919

1900 – Publicada a primeira revista do Brasil - *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro.



A ilustração começa a desempenhar papel importante.



Foi na *Revista da Semana* que o xarope São João veiculou o slogan “Larga-me... deixa-me gritar!” É apontado, por ilustres profissionais, como o primeiro anúncio brasileiro instaurador da “síntaxe publicitária” no Brasil.

Os anúncios de medicamentos tinham um forte apelo milagroso.

1904 – Os cartões postais transformam-se em veículos de propaganda e reclame. *Emulsão de Scott*, *Bromil*, *Rinoleina*, *Untisal* e uma vasta lista de medicamentos ali estampavam suas marcas e supostas virtudes, fazendo dos pequenos cartões uma poderosa mídia alternativa.



1910 – Com a chegada das revistas como *O Malho*, *Fon-Fon*, *A Careta* e *Para Todos*, os anúncios ficaram mais elaborados e as peças de medicamentos eram cada vez mais numerosas.

- As contracapas das revistas eram muito procuradas pelos anunciantes.
- Os anúncios de medicamentos se tornaram mais incisivos e ousados.

1914 – Criada a primeira agência de propaganda do Brasil, a Eclética.

Nesse período, estourou a I Guerra Mundial, e a linguagem dos anúncios

acompanhava o período de conflito. É desse tempo que são veiculados *slogans* como: “Dá auxílio e levanta exausto os que caem por falta de energia e vitalidade”, do medicamento *Santogen* e “A polícia dos Pulmões”, do xarope *Alcatrão-Guyet*.



O Laboratório Daudt Oliveira e Cia. fechou contrato para anunciar, nos dez primeiros números do semanário *A Lua*, dois de seus mais conhecidos produtos: o xarope *Bromil* e o preparado *Saúde da Mulher* (uma espécie de tônico), “infalível nas moléstias das senhoras”.

MEDICAMENTOS NO BRASIL - 1900 a 1939

1920-1939

1920 – O Laboratório Daudt Oliveira e Cia. fecha o maior contrato de publicidade da época, 1.200 contos de réis. Valor destinado aos anúncios colocados nos bondes e nos painéis luminosos. Foram considerados como os primeiros *outdoors* do Brasil.

O movimento antropofágico influenciou toda a forma de expressão de sua geração, incluindo-se, aí, os textos publicitários, que se tornaram mais vibrantes, dinâmicos e metafóricos – em uma palavra – mais modernos.

1926 – Os Laboratórios Fontoura contrataram Monteiro Lobato para fazer a campanha do *Biotônico Fontoura*. O escritor criou, então, a personagem Jeca Tatu, para ilustrar as campanhas do medicamento.

- Jeca Tatu era “o caboclo fraco, amarelo e triste, que ao tomar o Biotônico ficava saudável”.
- Depois veio o conhecido *slogan* “bê, á – bá, bê, é – bé, bê, i – bi, Biotônico Fontoura!”.



1933 – Surgia o nome de um dos maiores anunciantes do rádio, Dr. Sidney Ross, com as famosas *Pílulas de Vida do Dr. Ross*. “Fazem bem ao fígado de todos nós”.



Belo tipo faceiro: poema feito pelo farmacêutico Ernesto Souza para o *Rhum Creosotado*. É considerado o “anúncio brasileiro do século”.

1922 – O poeta Bastos Tigre lançou, durante a *Semana de Arte Moderna*, o *slogan* “Se é Bayer é bom”, usado pela empresa até os dias de hoje como um símbolo de confiança dos produtos da marca.



- As mulheres eram o principal público-alvo das propagandas. Afinal, cabiam a elas as decisões dos gastos diários: escolher o fortificante mais efetivo para as crianças; optar pelo melhor remédio para cólica; ou comprar o medicamento para as dores de cabeça que o marido trazia do escritório.
- A *Saúde da Mulher* era um dos produtos mais anunciados no Brasil, desafiava “as pesadas cadeias dos incômodos uterinos”.



1931 – Sancionado o Decreto nº 20.377. Primeira lei brasileira a tratar sobre a propaganda de medicamentos. O Decreto proibia o anúncio de especialidades farmacêuticas, atribuindo-lhes propriedades ou efeitos não considerados e aceitos por ocasião do licenciamento.

1936 – Começo da Era de Ouro do Rádio no Brasil, com a inauguração da *Rádio Nacional*.



Os programas de variedades no rádio eram, em sua maioria, patrocinados por empresas de medicamentos.

LINHA DO TEMPO DA PROPAGANDA DE

1940-1959

1941 – Os Laboratórios Fontoura produziram 10 milhões de exemplares da revistinha do Jeca Tatuzinho.



1945 – Com o fim da Guerra, começam as transmissões das rádio-novelas de grande sucesso como *Helena* e *o Direito de Nascer*. Os programas eram patrocinados por grandes marcas como Philips, Gessy e Bayer.

Na primeira metade do século XX, a maioria dos laboratórios teve o seu almanaque. Pela tiragem e pela forma como atingiram uma enormidade de pessoas, foram considerados a primeira mídia de massa da história da propaganda.



O Laboratório Fontoura foi o campeão, editando por muitos anos os famosos *Almanaque do Biotônico* e *Almanaque Fontoura*.

1950 – Inauguração da primeira emissora de televisão brasileira, a TV Tupi (canal 4).

- No começo, a televisão não consegue convencer os anunciantes de sua eficiência. Após a primeira propaganda veiculada, as empresas reconhecem o potencial desse novo meio de comunicação, que se torna o preferido do público.

- No início da década de 50, um grande número de novos medicamentos chegou ao mercado.
- Não eram mais elixires, xaropes e depurativos que enchiam as prateleiras das farmácias e sim antibióticos, antidepressivos e ansiolíticos. Esses novos produtos não podiam ser anunciados para o público.
- Surgiu, então, a chamada “propaganda ética”, na qual os médicos tornaram-se o centro dos esforços mercadológicos.

1952 – Lançamento da *Manchete*, uma revista semanal repleta de fotos e reportagens especiais. Junto com a lendária *O Cruzeiro*, passou a ser o meio impresso preferido do segmento farmacêutico.

Belas adormecidas: tomando por modelo atrizes de cinema, a indústria farmacêutica ajuda a criar um novo padrão de beleza.

- Entre os anúncios, estavam os calmantes. Segundo o que prometia a propaganda, por trás daquele rosto lindo e sereno da atriz ou cantora famosa estava o efeito do tranquilizante.

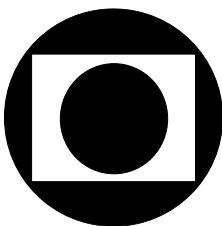


MEDICAMENTOS NO BRASIL - 1900 a 1939

1960-1979

1960 – Na década de 60, o foco principal da comunicação publicitária muda e parte para um conceito que articula o texto à imagem, associando a marca do produto – dentre eles os medicamentos – à psicologia do espectador.

Outras emissoras de televisão são criadas, como a *Globo* (1964), no Rio de Janeiro e a *TV Paulista* (1965), em São Paulo.



1962 – Família planejada: cicloreguladores e pílulas anticoncepcionais entram em cena, mudando os hábitos das famílias brasileiras.

1968 – A revista *Veja* é lançada pela *Editora Abril*.



A criatividade tornava-se o diferencial no mercado da comunicação. Também foi criada a pioneira *Duailibi Petit Zaragoza Propaganda* – DPZ, empresa que escreveu importantes capítulos da publicidade brasileira.



1970 – A propaganda do *Engov*, intitulada “A pílula do homem”, foi escolhida como “melhor anúncio do ano”. Também foi o primeiro medicamento a utilizar o *merchandising*, na novela “Beto Rockfeller”, levada ao ar pela *TV Tupi*. Com isso, tornou-se uma peça-chave na história da propaganda brasileira.

1972 – Entrada da TV em cores no Brasil. Em 1973, a *Globo* exibe “O Bem Amado”, a primeira novela em cores. A televisão já atinge mais de 20% da população.



1973 – A revista do Jeca Tatuzinho chegava à marca de 84 milhões de exemplares em sua 35ª edição. Foi considerada a obra de maior divulgação em todo o país.

1978 – Surge o *Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária* e o *Conselho Nacional de Auto-Regulamentação* (Conar), responsável por garantir a sua execução.

1968 – Durante a 21ª Assembléia Mundial da Saúde, a propaganda de medicamentos mostra-se como uma preocupação, que centra as atenções do evento.

- Uma das recomendações da OMS era a de que: “Todas as formas de publicidade de um medicamento devem ser verídicas e fidedignas e não podem conter declarações inexatas ou incompletas nem afirmações impossíveis de serem verificadas acerca da composição, dos efeitos (terapêuticos e tóxicos) ou das indicações de um medicamento ou de sua especialidade farmacêutica”.

1976 – A Lei nº 6.360, que ainda está em vigor, traz um capítulo destinado à propaganda e rotulagem de medicamentos. Entre outras regras, estabelece que a propaganda de medicamentos de venda sob prescrição médica deve ser restrita às publicações destinadas, exclusivamente, aos médicos, cirurgiões-dentistas e farmacêuticos. A legislação também prevê a criação de um regulamento específico para tratar o tema.

LINHA DO TEMPO DA PROPAGANDA DE

1980-1999

1980 – Inicia-se a Era do Culto ao Corpo. O corpo virou objeto de ostentação, orgulho e preocupação.

1981 – Sílvio Santos inaugura a sua rede de TV, o Sistema Brasileiro de Televisão - SBT.



- A indústria farmacêutica chegou a alcançar a oitava posição entre os maiores anunciantes no Brasil.
- Os medicamentos de venda livre se tornaram grandes anunciantes televisivos.



A nova forma e a velha fórmula: anúncios de pílulas e vitaminas inundaram as revistas nos anos 80, a década da “geração saúde”.

1988 – Promulgação da Constituição Federal. O parágrafo 4º, do artigo 220, da constituição cidadã prevê restrições legais à propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias.

1990 – Lançado o Código de Defesa do Consumidor. Um dos princípios básicos do código é a veracidade das informações, principalmente na publicidade. As informações devem ser corretas e precisas para possibilitar a escolha do consumidor na hora da compra.



1998 – Chega ao mercado as verdadeiras pílulas do homem: o Viagra, trazendo consigo uma revolução na vida de muitos homens.

1996 – Seguindo os termos do artigo 220 da Constituição Federal foi publicada a Lei nº 9.294 que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas.

- Nunca antes na história deste país uma empresa farmacêutica havia investido tanto na campanha publicitária de um só produto.

1999 – Criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A finalidade institucional da Agência é promover a proteção da saúde da população por intermédio do controle sanitário da produção e da comercialização de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária, incluindo neste controle a monitoração e a fiscalização da propaganda desses produtos.



1999 – A Lei dos Genéricos é aprovada, causando uma verdadeira transformação no setor farmacêutico. Desde então, os genéricos fazem parte da realidade nacional, estão à disposição dos consumidores em versões de diferentes marcas e com preços mais acessíveis.

MEDICAMENTOS NO BRASIL - 1980 a 2009

2000-2009

2000 – A CPI dos medicamentos demonstrou que cerca de 30% dos recursos das indústrias farmacêuticas são gastos em publicidade (algo em torno de R\$ 4,5 bilhões/ano). Por isso, o relatório final da Comissão recomendou a fiscalização da propaganda de medicamentos.

- Neste ano, foi lavrado o primeiro auto de infração sanitária de propaganda pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Um marco na fiscalização da propaganda de medicamentos do Brasil. A infração: anunciar uma indicação terapêutica não registrada na Anvisa.
- Em novembro foi aprovada a primeira resolução específica para a propaganda de medicamentos a RDC nº 102.

2005 – Embora a divulgação de medicamentos de venda sob prescrição médica só possa ser feita aos médicos e farmacêuticos, os fabricantes de medicamentos para o tratamento da disfunção erétil iniciaram uma série de campanhas ditas “institucionais” que possibilitavam a divulgação indireta desses produtos ao público em geral.

- Para fazer cumprir a lei e evitar a banalização dos medicamentos para disfunção erétil, a Anvisa determinou a proibição de toda propaganda “institucional”, em qualquer veículo de comunicação de massa, que relacione de forma direta ou indireta imagem, logotipo e produtos a medicamentos ou tratamentos para dificuldade de ereção e desempenho sexual.

As peças publicitárias que divulgavam o “ácido ascórbico”, mais conhecido como Vitamina C, faziam alusão à prevenção ou à cura da gripe, sem nenhuma comprovação científica do fato. Realizou-se um painel para a discussão do tema na Anvisa e a partir daí o perfil da propaganda desses produtos foi alterado.

- Adotou-se o mesmo procedimento para os medicamentos conhecidos como “anti-gripais”, que passaram a ser divulgados como aquilo que realmente são: fórmulas para se tratar os sintomas da gripe.

2004 – Criação da Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, de Publicidade, de Promoção e de Informação de Produtos Sujeitos à Vigilância Sanitária (GPROP).

Os estudos comparativos de antes e depois da Resolução 102 comprovam que as peças publicitárias deixaram de ser puramente comerciais e passaram a atender questões de saúde pública, como a principal contra-indicação do medicamento.

2008 – Publicação da RDC nº 96 - nova proposta de regulamentação, que substitui a RDC nº 102.

ANTES



DEPOIS

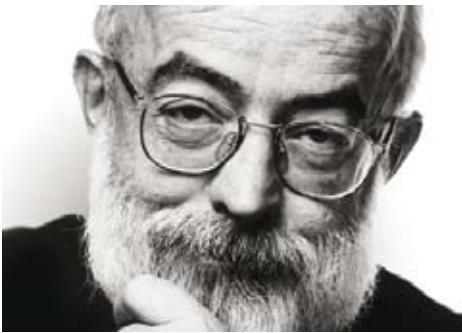


RESPOSTAS

P. 5 – CARTA ENIGMÁTICA

" A medicina é um terreno fértil de inspiração para os escritores"
(MOACYR SCLiar)

P. 31 – JOGO DOS SETE ERROS



P. 44 – CAÇA-PALAVRAS

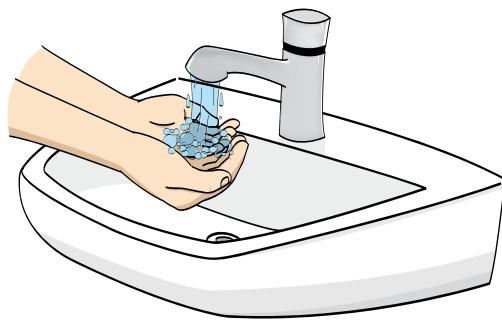
A	C	O	P	K	L	E	V	B	I	J	S	O	M	N	H	C
F	L	N	R	J	M	K	S	Z	U	Y	T	C	Q	G	K	I
M	A	I	W	Ú	I	F	A	R	M	Á	C	I	A	K	O	Ê
E	F	Ú	M	S	T	Â	Ú	V	H	P	R	D	U	D	A	N
I	X	E	N	E	A	P	D	L	Ç	Ú	D	É	H	Q	U	C
O	A	M	D	F	N	Ú	E	I	N	H	O	M	E	P	R	I
A	L	E	I	Q	A	T	D	M	H	A	R	M	J	Ó	I	A
M	I	D	T	S	L	O	A	E	A	G	L	E	B	M	W	O
B	C	I	P	E	I	M	D	E	N	T	I	S	T	A	E	P
I	B	C	R	T	M	O	P	O	Á	D	É	C	T	I	E	E
E	Y	A	E	N	E	G	O	M	E	O	P	A	I	D	Í	M
N	W	M	T	A	N	I	R	F	S	R	U	O	U	Ç	F	T
T	A	E	U	L	T	R	D	E	J	S	M	C	Q	T	E	U
E	O	N	Â	U	A	R	I	I	O	A	G	U	O	P	H	
E	T	T	E	B	Ç	A	L	T	L	Ç	A	L	A	Z	E	R
M	E	O	S	M	Â	C	O	P	Â	P	S	K	U	G	O	E
T	R	S	I	A	O	N	U	O	O	U	O	A	I	L	R	K
T	A	E	U	L	T	R	D	E	J	S	M	C	Q	T	E	U
K	U	G	O	E	H	A	N	C	H	R	K	U	G	O	E	L
A	I	L	R	K	B	E	C	H	L	I	N	I	L	R	K	B
C	Q	I	N	D	E	S	E	J	Á	V	E	I	S	E	U	R

P. 36 – DIAGRAMA

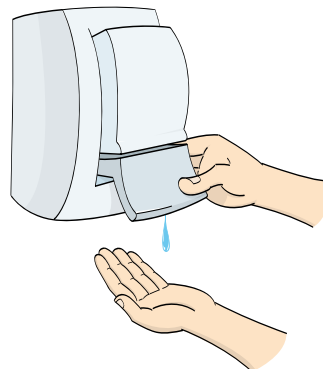
					S	A	N	I	T	A	R	I	S	T	A	
					E	D	U	C	A	Ç	Â	O				
D	E	M	O	C	R	A	T	I	Z	A	Ç	Â	O			
					G	E	S	T	Â	O						
					C	I	D	A	D	Â	O					
					C	O	N	S	T	I	T	U	I	Ç	Â	O
					★											
					S	A	Ú	D	E							
					L	I	B	E	R	D	A	D	E			
B	R	A	S	I	L	E	I	R	O							
					S	U	S									
					M	É	D	I	C	O						
					T	E	M	A								

HIGIENIZE AS MÃOS: SALVE VIDAS

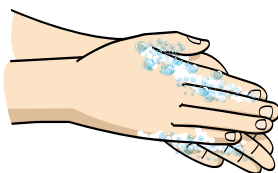
Higienização Simples das Mãos



- 1.** Abra a torneira e molhe as mãos, evitando encostar na pia.



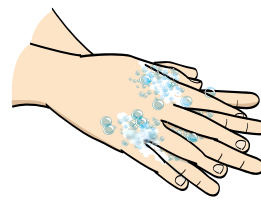
- 2.** Aplique na palma da mão quantidade suficiente de sabonete líquido para cobrir todas as superfícies das mãos (seguir a quantidade recomendada pelo fabricante).



- 3.** Ensaboe as palmas das mãos, friccionando-as entre si.



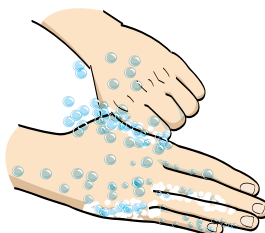
- 4.** Esfregue a palma da mão direita contra o dorso da mão esquerda (e vice-versa) entrelaçando os dedos.



- 5.** Entrelace os dedos e fricçãoe os espaços interdigitais.



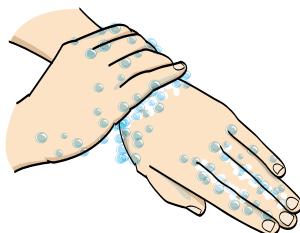
- 6.** Esfregue o dorso dos dedos de uma mão com a palma da mão oposta (e vice-versa), segurando os dedos, com movimento de vai-e-vem.



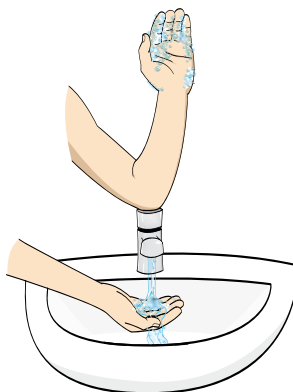
- 7.** Esfregue o polegar direito, com o auxílio da palma da mão esquerda (e vice-versa), utilizando movimento circular.



- 8.** Friccione as polpas digitais e unhas da mão esquerda contra a palma da mão direita, fechada em concha (e vice-versa), fazendo movimento circular.



- 9.** Esfregue o punho esquerdo, com o auxílio da palma da mão direita (e vice-versa), utilizando movimento circular.



- 10.** Enxágüe as mãos, retirando os resíduos de sabonete. Evite contato direto das mãos ensaboadas com a torneira.



- 11.** Seque as mãos com papel-toalha descartável, iniciando pelas mãos e seguindo pelos punhos.

Para a técnica de Higienização Anti-séptica das mãos, seguir os mesmos passos e substituir o sabonete líquido comum por um associado a anti-séptico.

Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa
SIA Trecho 5, área especial 57
Brasília - DF
Telefone: (61) 3462-6000

Anvisa Atende 0800 642 9782
Disque Saúde 0800 61 1997
Disque Intoxicação 0800 722 6001



Ministério
da Saúde

